



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

**DANIELLA REILA SILVA BRETA
ROBERTO CARLOS DE SOUZA**

NOSSA PÁTRIA, OS ÁRABES EM ANÁPOLIS

**GOIÂNIA
2020**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

NOSSA PÁTRIA, OS ÁRABES EM ANÁPOLIS

Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

GOIÂNIA

2020

DANIELLA REILA SILVA BRETA
ROBERTO CARLOS DE SOUZA

NOSSA PÁTRIA, OS ÁRABES EM ANÁPOLIS

Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

Data de defesa: 04 de dezembro de
2020. Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Prof. Dr. Rogério Pereira Borges

Jornalista Afif Sarhan

Antes de tudo, dedicamos este trabalho um ao outro, pela confiança, paciência, conhecimentos compartilhados e, sobretudo, pela companhia.

Dedicamos também este trabalho à cidade de Anápolis e aos grandes referenciais de famílias árabes que nos deixaram neste ano de 2020 e tiveram grandes legados, João Asmar, Sultan Faluf e Hanna Georges Bazi. Em especial, a toda a comunidade formada pelos Árabes e seus descendentes, que contribuíram para formar e enriquecer esta cidade em diversos aspectos, como cultural, religioso, comercial, industrial e empresarial. Os árabes que tanto se orgulham de sua história, possam se sentir honrados com este trabalho que também expressa gratidão.

Aos familiares que prestaram seu apoio e comemoraram conosco, só temos gratidão. Em especial a três pessoas que fizeram com que isso fosse ainda mais prazeroso, fácil, divertido e que não nos impuseram limites para sonhar. Nair, Regina e Rafael este trabalho é uma conquista, um fim de um ciclo que abrirão muitos outros. Obrigado por nos aplaudir.

A todos que tiraram um pouco de tempo para participar deste trabalho, com gravações, histórias, conhecimentos ou com orientações, nosso muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

2020 nos pegou de surpresa. Um ano difícil, onde o tempo passou muito devagar, mas, ao mesmo tempo, muito rápido. E orientar virtualmente um trabalho tão grande como este não foi uma tarefa fácil. Para você Eliani Covem só temos gratidão, admiração e respeito por tornar isto mais fácil do que um dia pudéssemos sonhar.

Rogério Borges, uma pessoa que nos conquistou desde o primeiro dia que assistimos à primeira aula ministrada. De um raciocínio rápido, preciso e nos fazendo questionar áreas jamais imaginadas. Você não poderia estar de fora de algo tão especial para nós. Obrigado por aceitar fazer parte de uma história e avaliá-la com seus anos de conhecimento que nos serão lembrados por toda vida.

Ao nosso avaliador convidado, Afif Sarhan, nosso muito obrigado por ter aceitado

o convite para participar deste trabalho que tanto remete a sua origem, valores e sua história de vida que muito nos motivou, desde o momento em que assistimos sua participação em um evento universitário. Dedicar seu tempo para a avaliação deste documentário nos deixa extremamente honrados.

Agradecemos ao Professor Mário Ferreira, da Igreja Ortodoxa São Jorge de Anápolis, que tanto nos ajudou na busca por fontes e com os materiais de pesquisa. Seus livros, conhecimentos, orientações e histórias muito nos auxiliaram para a formulação deste trabalho que nos enche de orgulho.

Nosso obrigado também ao pesquisador Guilherme Verano, que pesquisou a imigração árabe no Centro Oeste por dez anos e nos ajudou com orientações e contatos com as fontes a nós passadas.

Agradecemos a todos os árabes e seus descendentes que não puderam participar deste filme, devido aos motivos de saúde e os cuidados, neste ano atípico de pandemia da COVID19. Mas, que apesar da ausência neste trabalho, contribuíram bastante com a cidade de Anápolis e eternizaram seus nomes na história.

Agradecemos ao Sheik Nasser Sahin pela entrevista e a todos os membros do Centro Islâmico de Anápolis pela recepção calorosa e pela disposição em nos mostrar com grande honra os seus costumes e tradições. Esta entrevista e todas as conversas que tivemos na mesquita enriqueceram o nosso conhecimento a respeito da religião e das formas de vida.

Agradecemos a família Farah pela dedicação de seu precioso tempo para entrevistas e por tantas histórias agregada, não somente a este trabalho, mas também de vida, luta e prosperidade. Somos gratos pela dedicação com que esse trabalho foi abraçado por esta família.

Também deixamos nossa gratidão a Ruba Nassar pela entrevista e ao tempo dedicado a este filme. Ao Marcelino Cozak e toda sua família que sempre nos recebeu com tanto carinho e acolhimento na Igreja Ortodoxa de Anápolis.

A família Sahium, Pedro Sahium que nos apontou fontes para este trabalho, e em especial ao senhor Valeriano Rudi Sahium. Deixamos nossos sinceros agradecimentos por nos receber em sua casa e nos presentear com tantas histórias e lições de vida. Vocês são uma das famílias árabes pioneiras a desbravar o sertão goiano e se fixar em Anápolis. São 110 anos de histórias que nos encheram de emoção.

Nossa gratidão a Máriam Hanna Dacache que, mesmo em um momento tão difícil em que enfrentava, nos recebeu em sua residência e participou de forma muito honrosa deste trabalho. Todo o seu conhecimento, as ricas e bonitas histórias que nos foi contada fizeram-nos admirar ainda mais a cultura árabe.

Ao Padre Firaás Bistati que desde os primeiros momentos nos recepcionou tão bem dentro de sua paróquia, nos mostrando como a igreja se encontra aberta e disposta a compartilhar suas origens e ensinamentos com quem for nosso muito obrigado.

Com tantas histórias, risos e conversas compartilhadas descobrimos mais sobre os árabes do que imaginávamos. Maurício Helou nos presenteou com conhecimentos e informações precisas que agregaram muito a este trabalho, por isso temos eterna gratidão.

Por fim, ao Elias Awad, que nos recepcionou com tanto afeto em seu lar, onde nos mostrou fotos de seu país de origem, com direito a histórias que nos deixou maravilhados. Encantou-nos demonstrando por meio da comida, como um árabe se relaciona a mesa e os pratos típicos. Nosso muito obrigado por nos proporcionar viver um pouco da cultura árabe.

Ele não saiu de seu país em busca de
riquezas. Ele estava em busca de uma
rua onde seus filhos pudessem
caminhar.

لم يغادر بلده بحثاً عن الثروة
كان يبحث عن شارع يمكن لأطفاله السير فيه

Erik Del Bufalo

RESUMO:

O documentário *Nossa Pátria, Os Árabes em Anápolis*, retrata como os imigrantes sírios e libaneses vieram para o Brasil e sua chegada até a cidade de Anápolis. O filme traz histórias de vida de imigrantes e descendentes que desbravaram o sertão goiano em busca de uma vida melhor, para ele e os familiares que vieram em seguida. São mostrados também os filhos desses imigrantes que já nasceram no Brasil e ajudaram a construir a cidade de Anápolis, como eles mantêm viva a descendência e revivem com orgulho a origem e os costumes de seus ancestrais. A proposta do documentário também foi a de divulgar a cultura árabe que fez e faz parte da formação histórica, tanto na culinária, dança, costumes e na forma religiosa.

PALAVRAS-CHAVES: Documentário, árabe, imigração, anápolis, pátria.

ABSTRACT:

The documentary *Nossa Pátria, The Arabs in Anápolis*, portrays how Syrian and Lebanese immigrants came to Brazil and their arrival in the city of Anápolis. The film brings life stories of immigrants and descendants who explored the backlands of Goiás in search of a better life, for him and the family members who came next. Also shown are the children of these immigrants who were born in Brazil and helped to build the city of Anápolis, how they keep their descendants alive and relive with pride the origin and customs of their ancestors. The documentary's proposal was also to disseminate the Arab culture that was and is part of the historical formation, both in cooking, dance, customs and in religious form.

KEYWORDS: Documentary, Arabic, Immigration, Anapolis, Homeland.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	14
REFERENCIAL TEÓRICO.	14
1. Documentário.	14
1.1 Documentário Teorias e conceitos.....	14
1.2 Técnicas de produção do documentário.	15
1.3 A história do filme documentário no Brasil	19
2. A imigração árabe para o Brasil	22
2.1 A imigração árabe para Goiás e Anápolis.....	28
2.2 Tradição, cultura e religião.....	31
CAPÍTULO II.	36
MEMORIAL.	36
Memorial Daniella Reila Silva Breta	34
Memorial Roberto Carlos de Souza.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES	44
APÊNDICE I ROTEIRO.	44
APÊNDICE II AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	55
APÊNDICE III AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO.....	62

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como produto o filme documentário *Nossa Pátria, Os Árabes em Anápolis*. O filme traz como narrativa histórias de imigrantes e descendentes que moram na cidade Anápolis. Segundo (NICHOLS, 2010) uma produção cinematográfica é um recorte escolhido por quem o produz. Vale ressaltar, que demonstra uma prosa que tenha começo, meio e fim. Para Ramos (2008) o documentário é uma diegese que pode trazer ou não uma realidade com imagens, na qual o espectador recebe essa narrativa e faz uma asserção dela sobre o mundo que está inserido. As imagens construídas e o rumo no qual estas imagens irão tomar quando produzidas, são fatores afirmativos que determinam a singularidade narrativa documentária em meio a outros assertivos como escritas ou falas.

O foco é mostrar a trajetória de como alguns imigrantes ainda no século passado chegaram até a cidade, o motivo de terem imigrado, o que encontraram aqui na época, como trabalharam e fizeram parte do crescimento cultural e econômico. Durante o filme, é ressaltado também como os descendentes vivem hoje e colhem bons frutos do trabalho daqueles que chegaram na cidade no início do século passado. A maioria de seus ancestrais veio para o Brasil para trabalhar como mascate e hoje grande parte de seus herdeiros são médicos, advogados, empresários e políticos no município.

Durante o início do filme documentário é mostrado o sentimento de gratidão daqueles que hoje reconhecem e se orgulham da luta de seus ancestrais que, na época em que chagaram na cidade, aguentaram meses e meses em navios, atravessando oceanos em busca de um lugar onde pudesse encontrar tranquilidade longe das guerras. Mostra também os atuais imigrantes, agradecendo ao Brasil pelo acolhimento, a felicidade em estar aqui, porém sempre com uma saudade do lugar onde estão suas raízes.

O documentário é aberto por imagens aéreas da cidade de Anápolis, estas imagens são cobertas por uma música instrumental árabe. O primeiro depoimento é do Sheik Nasser Sahin, da Mesquita Islâmica da cidade, seguido pela filha de imigrantes sírios Ruba Nassar e também pelo imigrante libanês Elias Awad. Também fazem parte deste filme Valeriano Rudi Sahium, Murício Helou, Máriam Hanna Daccache, padre Firás Bistati, Nassim Farah e Marcelino Cozak.

A principal função de um filme documentário é mostrar a realidade vivida por um determinado grupo por meio de imagens. Ao ser definido o tema deste Trabalho de Conclusão

de Curso, antes mesmo das entrevistas serem marcadas houve um aprofundamento do grupo na pesquisa e leitura sobre questões referentes à cultura e a imigração de maneira geral. Estudar de forma tão aprofundada garantiu uma facilidade maior na realização das entrevistas. Para NICHOLS (2005) cada documentário representa como retrato uma identidade. Segundo o autor, a forma de produzir o filme documentário pode ser dividido em seis modos: observativo, expositivo, reflexivo, performático, participante e poético. No caso do filme *Nossa Pátria, Os Árabes em Anápolis* foram escolhidos os modos observativo e reflexivo.

Para se iniciar este filme, primeiramente foram feitas leituras sobre o que se referia ou se relacionava com a imigração dos povos da Síria e do Líbano para o Brasil, Goiás e Anápolis. Artigos, textos e livros foram essenciais para o conhecimento e a produção deste trabalho. Os autores que aparecem e relatam esse processo de imigração, claro, em sua maioria tem descendência árabe também, por isso fizeram trabalhos com tanta dedicação.

Após este período, foi à vez de escrever sobre o filme documentário, grandes autores foram usados para esta fase, discorreu-se sobre o que é um filme documentário, suas técnicas de produção e a história dele aqui no Brasil. Essa fase colaborou para o total entendimento das técnicas de produção de um filme. Autores como PUCCINI (2007) orientam a produção e os cuidados com as imagens, som e outros aspectos que vão dar beleza ao filme.

Após o período de pesquisa, as entrevistas foram gravadas, todos os cuidados com luz e som foram tomados para garantir a melhor qualidade possível, o enquadramento de cada entrevistado foi escolhido da melhor forma para que suas expressões ficassem registradas de forma marcante, tendo em vista que foram usadas duas câmeras. Na montagem, o jogo de imagens deu mais vida às falas. Após este processo, foi feita a decupagem do material e tudo foi parar no papel.

O último processo foi a montagem e a finalização do filme. Foi nesta fase que o filme ganhou vida, cores e as melhores imagens foram selecionadas de acordo com a expressão de cada entrevistado. As imagens de apoio também foram escolhidas na hora da montagem, tendo em vista que eram centenas e o processo de escolha foi um pouco demorado, já que o material era muito rico.

As imagens foram gravadas com duas câmeras, sendo a principal uma Sony a6500 e a câmera usada para as imagens de apoio a Sony a6600. A montagem feita com o programa de edição Adobe Premiere, as imagens aéreas gravadas por um drone. Tanto as gravações como a montagem foram realizadas pelo jornalista, operador de câmera e editor de imagens Lictor Lamas.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Documentário

1.1 Documentário – teorias e conceitos

O Documentário tem como principal característica a presença de procedimentos que os tornam únicos. O autor que o produz mostra a intenção social desejada para dar vida ao produto e assim ser recebida pelo espectador de forma organizada. As próprias narrativas documentárias são marcadas por uma presença de locução, entrevistas ou depoimentos e utilização de imagens de arquivos. Porém, o que mais difere de outras apresentações artísticas é que raramente se usa atores profissionais para produzi-lo. Alguns procedimentos, embora não pertença exclusivamente ao documentário, faz com que eles se tornem únicos. Câmera na mão, imagem tremida, improvisação e utilização de roteiros abertos somam uma ênfase positiva (RAMOS, 2008). Da-Rin (2004, p. 8) ressalta a dificuldade em categorizar o documentário:

Os filmes denominados documentários apresentam uma grande diversidade, seja temática, estilística, técnica ou metodológica, dificultando sobremaneira a formulação de modelos e sua categorização. Apesar disto, não faltam tentativas de identificar invariâncias ou de estabelecer uma linha evolutiva.

Para Ramos (2008), sendo composta por uma narrativa de imagens-câmeras, algumas vezes acompanhadas de imagens de animação, ruídos, música e fala (mas, sendo mudas no início de histórias), o documentário busca uma asserção ao mundo exterior e que o espectador receba essa narrativa. Essa natureza de jogos entre imagens-câmeras, a dimensão em que tudo é construído determina a particularidade da narrativa documentaria em meios a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. Dialogando com Ramos (2008), Da-Rin (2004, p. 80) considera que:

O cinema como revelador do mundo. Não uma revelação especular, mas analítica, onde o ato da filmagem é apenas uma etapa. O objetivo é "uma percepção nova do mundo", percepção especificamente cinematográfica, organização do tempo e do espaço que o olho humano desarmado não tem condições de realizar.

Os documentários, diferentes dos filmes, trazem com frequência algo mais pessoal e um longa-metragem não tão comercial. Quando a população assiste algo que se toma uma consciência e que provem de alguma localidade ou histórias, por vezes, pessoais de alguém são os documentários que tem boa parte de valor nisso. Esse modelo trabalha intensamente para

conseguir das pessoas histórias a fim de estabelecer uma ligação e não uma projeção ou repulsa. Podendo apelar para a curiosidade ou para uma gana a mais de explicação e percepção (NICHOLS, 2010).

Segundo Silva e Onofre (2000, p. 1), a produção do documentário também pode ser vista como identidade, ou cultura de um povo. A identidade se refere às constantes mudanças do ponto de vista ideológico. A identidade é o discurso, ou os discursos, que uma sociedade produz ao longo de um determinado período sobre si mesma, aquilo que ela mostra de si, sua história, seus mitos e seus heróis. “Um determinado grupo possui necessidades que mudam com o tempo, com isso, a maneira de representar a identidade também sofre alterações e transformações, permitindo a um grupo se reconhecer como tal”.

Nichols (2005) aponta que existem diferentes tipos de classificação de um filme, ou seja, cada documentário tem uma linguagem própria, que carrega consigo as peculiaridades de seus produtores. Segundo o autor, o filme documentário pode ser classificado em seis modos distintos, são eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Mais de um modo pode ser usado na produção de um filme documentário. O filme documentário *Nossa Pátria, Os Árabes em Anápolis* traz consigo as características dos modos observativo e expositivo, já que mostra em sua temática a realidade e radição de um povo.

No modo observativo, o documentarista procura mostrar a realidade tal como ela se apresenta. Dessa forma, foge de qualquer tipo de interferência que provoque um falseamento da realidade. É feito um registro dos acontecimentos, com um discreto afastamento do diretor e da equipe técnica, que não são notados. Portanto, há pouca movimentação de câmera, trilha sonora quase inexistente e não há narração, já que as cenas se expressam por si mesmas.

No modo expositivo, o filme dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes narradas ou em entrevistas, “que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história” (NICOLS, 2008, P. 142). Nesse sentido, os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente.

O filme documentário *Nossa Pátria, Os Árabes em Anápolis* mostra, com sua característica poética, a cultura do povo árabe, que ajudou na construção da identidade da cidade de Anápolis. Identidade social, cultural, gastronômica e tradicional que formaram a cidade da forma como ela é.

1.2. Técnicas de produção do documentário

Para se produzir um filme documentário deve-se passar por vários processos bem

complexos. Para obter um conteúdo de qualidade é necessária uma pesquisa minuciosa. Para (PUCCINI, 2007), este é o primeiro passo para a produção de um documentário.

Não obstante, a escrita da proposta de filmagem marca também o início de um processo de seleção necessário para ajustar esse conteúdo do mundo ao formato discursivo de um filme. Após a aceitação do projeto por parte das fontes financiadoras, esse processo de pesquisa e seleção prossegue de maneira mais aprofundada. O trabalho da escrita do filme no papel não se encerra com a aprovação da proposta de filmagem. Por sua forma concisa, a proposta de filmagem serve pouco como instrumento para organizar a produção de um documentário. É preciso detalhar o conteúdo do filme para que então se possa fazer um correto levantamento das necessidades da produção (PUCCINI, 2007 p. 84).

Para a produção do filme *Nossa Pátria, Os Árabes em Anápolis*, as fontes foram estudadas há algum tempo antes da gravação. Este processo de pesquisa foi o mais demorado, já que era feito contato com as fontes, alguns deles já conhecidos pelos diretores do filme. Esta seleção foi natural, pois os árabes e descendentes são muito orgulhosos de suas histórias de vida e de sua cultura. Esta era mais uma oportunidade de mostrá-la aos demais e que pudessem reviver e recontar fatos e memórias. O processo de formular as perguntas e as dúvidas que surgiram foi nascendo durante as diversas pesquisas, tanto em livros, redes sociais e internet. As respostas foram do mais comum as mais distintas já que, apesar de serem de uma maioria do mesmo lugar, o decorrer da vida de cada um tomou caminhos diferentes até chegarem a Anápolis.

Montar um roteiro, quando relacionado ao filme documentário, para o autor significa criar as estruturas do filme, que posteriormente ganharão corpo. Esse processo continua com a escolha do tema, dos personagens, dos locais de gravação, dos figurinos e os demais detalhes que vão compor a produção em geral e dar vida e riqueza de detalhes ao filme.

Após a proposta de filmagem ser aprovada, começa a segunda parte da pesquisa, que consiste em descobrir o que pode tornar o filme interessante. Podem ser utilizados vários tipos de fontes para essa pesquisa como: material impresso, material de arquivo, filmes, fotos, entrevistas e pesquisas de campo. Tudo isso deve ser relacionado com o assunto abordado pelo filme. Nesta etapa da pesquisa, uma pré-entrevista pode ser feita, além de conferir os locais apontados (PUCCINI, 2007).

Os materiais de arquivos, segundo o autor, podem ser encontrados em diversos locais como bibliotecas, livros, museus, universidades, como também na internet. Pode haver pequenas dificuldades neste quesito, já que a maioria destes é muito burocrática em relação ao acervo. Esta dificuldade também é encontrada nos arquivos pessoais.

No filme documentário *Nossa Pátria, O Árabe em Anápolis* foram usados material de arquivo pessoal e também da internet. Estes materiais ajudaram a ilustrar os

depoimentos com imagens e facilitaram na compreensão do tema abordado.

Não há, portanto, motivos para fazer na atualidade um roteiro para o filme documentário como era feito na década de 1950. Isso porque agora as ideias surgem a partir das gravações. O filme, então, será resultado “de um árduo trabalho de montagem, montagem esta que será feita a partir de muito material filmado. A regra é jogar com o imprevisto e o improvisado da filmagem, o que valoriza sobremaneira o papel do cinegrafista na construção do documentário” (PUCCINI, 2007, p.19).

Para o autor, é possível roteirizar parte do sentido de escolher os entrevistados, cenários e demais características que possam colaborar com o filme de acordo com o tema escolhido. Esta pesquisa feita de início facilita em outro aspecto muito importante, a filmagem. Por meio dela, pode ser feito os levantamentos de possibilidades de filmagens. A escolha de enquadramentos, locais, e os métodos de trabalhos a serem usados surgem daí também.

Escolhas aparentemente menos importantes, como “o local de uma entrevista ou o posicionamento do entrevistado diante da câmera, são decisivas para a leitura do documentário, sua carga de informação visual, rigor gráfico na composição da imagem, qualidades que ajudam a definir um estilo de direção” (PUCCINI, 2007, p.137).

Em relação às imagens, segundo o autor, o enquadramento geralmente é pensado na gravação. O mais comum é o uso de plano médio e primeiro plano. Quando há momentos que podem marcar a entrevista e a tornar emocionante, é comum um enquadramento mais próximo do rosto do entrevistado, *o close up*.

Para eleger os locais das entrevistas, primeiro pensamos no conforto dos entrevistados. Alguns sugeriram os próprios lares, já que o árabe trás consigo o costume de receber gente em sua casa e se socializar. Outro lugar escolhido foi à igreja e a mesquita, território de fé e que nos trouxe histórias daquele mundo, e os convidados demonstraram total conforto em estar ali com pessoas reconhecidas e um ambiente familiarizado.

Para gravar, foram selecionadas áreas que não tinham foco de luz para que as imagens não fossem prejudicadas por conta disso. Foi utilizado primeiro plano na grande maioria das gravações e um microfone na roupa, oculto, para que fosse obtido o tom da voz em sua melhor precisão, que é o conhecido microfone de lapela..

Para Frochtengarten (2009), a entrevista é muito importante e pode marcar a história. A entrevista além de conter um lado jornalístico também serve para deixar registrados grandes histórias. Tanto pessoas comuns como especialistas são responsáveis por este fenômeno.

Depois de feitas todas as gravações, foi realizada a decupagem do material, com a transcrição de todas as entrevistas e imagens. A partir da decupagem, foi elaborado o roteiro, que serviu de guia para a montagem do filme. No roteiro, o diretor seleciona os melhores trechos das entrevistas e as imagens com profunda identidade com o tema tratado, colocando todo este material em uma ordem coerente e expressiva.

O roteiro de edição será resultado de uma leitura atenta das imagens e sons contidos no material bruto. Esse roteiro poderá ou não seguir a estrutura proposta pelo tratamento escrito na fase de pré-produção, texto que serviu como mapa para orientar as filmagens e definir os principais pontos de interesse do documentário. A experiência de filmagem, bem como contato com o universo abordado, pode subverter noções preliminares, esboçadas na pré-produção, criando novos focos de interesse para o filme o que obriga, ao realizador, pensar em uma nova organização do material que incorpore essas mudanças (PUCCINI, 2007 p.187).

O processo de decupagem do material do filme *Nossa Pátria, Os Árabes em Anápolis* foi bem demorado, pois havia o desejo de fazê-la com precisão e as entrevistas eram muito grandes e ricas em detalhes e expressões. Transcrever as entrevistas facilita muito na elaboração do roteiro, já que depois de escrito, o material parece se encaixar de forma mais fácil e dinâmica para fazer os devidos cortes, alternância de personagens e imagens. Depois de transcritas as entrevistas, o grupo montou o roteiro, este processo também foi extenso e rendeu vários cortes, pois sempre o tempo limite era ultrapassado.

Primeiro foi feito o roteiro só de entrevistas. As imagens, por sua vez, foram escolhidas depois. Após o roteiro de entrevistas concluído, o grupo procurou imagens de arquivos para enriquecer o filme. Além de imagens de arquivos, também foram utilizadas cenas tanto de apoio como de drone, para que o trabalho se tornasse atrativo e não fosse cansativo quem assiste. A seleção das músicas foi feita de forma demorada. Por ser em um idioma desconhecido, foi realizada uma vasta pesquisa com toques, letras e traduções para que se encaixasse perfeitamente no roteiro.

As sequências que podem ser usadas na montagem, segundo o autor, são as entrevistas, situações de ação e material de arquivo. Podem ser acrescentadas a elas imagens, textos, fotografias e documentos, entre outros elementos que podem colaborar com a produção. Tudo depende do formato escolhido para o filme.

A montagem do documentário, no que se refere a alguns aspectos de corte e montagem, deve seguir alguns critérios. A escolha das melhores cenas e que demonstrem a emoção dos personagens é o primeiro passo. Mas tudo deve ser cronometrado para não estourar o tempo já determinado. O corte nas imagens possibilita uma montagem mais rica em elementos, este corte elimina tudo aquilo que não é necessário e acumula mais tempo disponível

para outras cenas. A edição do material, tanto som, quanto imagem só é feita a partir da análise do que será usado (PUCCINI, 2007).

Seguindo estas orientações dos autores, o filme passou por mais de um processo de montagem até ganhar o formato final, com encaixe de falas, câmeras bem posicionadas, imagens e músicas que se complementaram.

1.3 A história do documentário no Brasil

O início da produção do filme documentário no Brasil se deu a partir do século XX. Acompanhado dos primórdios do cinema, foi graças às fotografias em movimento que registravam produções de cine-jornais e filmes institucionais vindos de acontecimentos históricos, cerimônias públicas e privadas da elite nacional, o funcionamento de fazendas e fábricas que os cineastas da época começaram a investir neste novo mecanismo (RODRIGUES, 2010).

Segundo a autora, os filmes documentários da época eram financiados por um destes três pilares: Estado, empresário ou coronéis fazendeiros. A orientação vinha de certo poder político e econômico, sendo direcionado a promoção da elite e no exterior. Contudo, o valor histórico sempre foi mantido. Alguns cineastas responsáveis por produzir conteúdo daquela época foram os irmãos Afonso e Paschoal Segreto, Silvino dos Santos, major Luís Tomas Reis, entre outros.

Numa primeira fase, que coincidiu com o Estado Novo, os filmes possuíam caráter mais científico e técnico, empenhados por enaltecer as descobertas dos cientistas brasileiros, as soluções técnicas engenhosas ou a excepcionalidade de espécies de nossa flora e fauna. As imagens que se produziam sobre o país eram controladas através desses filmes educativos (RODRIGUES, 2010, p. 66).

No final dos anos 1950, a cinematografia no Brasil era rara, de acordo com a autora. Era permitido apreciar apenas obras do cinema americano, francês, italiano e soviético, que eram estruturadas por cinematecas paulistas e cariocas. O acesso de pessoas interessadas por consumir este meio artístico, era disponível para indivíduos economicamente e culturalmente privilegiados. Dessa forma, estes cidadãos passaram a ser responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem do cine documentário nacional, que se profissionalizaria rapidamente.

A partir da década de 1960, surgiu no Brasil o denominado Cinema Novo, a partir da vinda ao Brasil do documentarista sueco Arne Sucksdorff. Com muitos anos de experiência, veio a cidade do Rio de Janeiro para um seminário de cinema a convite da UNESCO e do Itamaraty. Os cineastas Eduardo Scorel, Arnaldo Jabour, Luiz Carlos Saldanha e vários outros, participaram para entender e ganhar conhecimentos vindos do primeiro mundo. No total, foram

quatro meses de aprendizado (RODRIGUES, 2010).

As inovações tecnológicas estiveram presentes e auxiliaram na formação e no desenvolvimento pleno do Cinema Novo no país, como considera a autora. Por meio de filmes e debates, os jovens cineastas tiveram contato com vários equipamentos, como a câmera 35 mm, gravador de som e mesa de montagem. Desse modo, a mobilidade no set de filmagem e a gravação do som direto facilitavam tanto as gravações como a montagem.

Inúmeros fatores contribuíram para um rumo do documentário nos anos 1970, segundo Rodrigues (2010), que radicalizou os processos de desconstrução da linguagem da época. Isso se deu em virtude da manipulação das imagens, somada as possibilidades expressivas da montagem e dos recursos sonoros. Tais recursos podem ser corroborados em filmes como Congo (1972), Triste Trópico (1974) e O ano de 1978 (1975), de Arthur Omar; Iracema, Uma Transa Amazônica (1974) de Senna e Bodanzky, e Di (1977), de Glauber Rocha.

A sociedade passou por uma grande transformação com o ponto final entre capitalismo e socialismo. A população começou a ter ideias voltadas para o neoliberalismo globalizado, onde informações externas e referências combinadas resultam em uma influência na linguagem cinematográfica documental, que continua presente nos dias atuais. No Brasil, no começo da década de 1990, o cinema brasileiro foi atacado pelas medidas governamentais de Fernando Collor de Mello, que extinguiu empresas cinematográficas e destruiu qualquer possibilidade para o cinema nacional. Graças a alguns canais restritos de TV educativos, a produção de documentários sobreviveu (ALTAFINI, 1999).

Conforme o autor, alguns canais de televisão a cabo viram como um novo futuro e passaram a investir em produção documental, com exibição de produtos independentes, com apoio de leis.

Com a rápida evolução da eletrônica e da informática, hoje o vídeo digital está ganhando um mercado cada vez maior na produção cinematográfica. A miniaturização das câmeras, a substituição do sistema analógico pelo digital na captação da imagem e do som e as mais modernas tecnologias de pós-produção estão transformando o filme documentário (RODRIGUES, Flávia. 2010, p. 70).

Dessa forma, o documentário torna-se cada vez mais popularizado e mais disponibilizado no circuito comercial. Por conta disso, os números de bilheteria foram mais expressivos, ultrapassando até mesmo filmes de ficção nacional. O avanço das tecnologias digitais proporcionou custos de produção atualmente menores comparados aos de antigamente. Porém, produtores independentes, que não possuem vínculos com emissoras ou não possuem estruturas de produção e distribuição, tendem a sofrer dificuldades para que seu produto chegue a um público maior e viralize (RODRIGUES, 2010).

Algumas produções marcaram a história do documentário brasileiro. O filme *Nós que Aqui Estamos por Vós Esperamos*, de Marcelo Masagão, foi lançado em 1999. Nele o autor conta um resumo do século XX. Este nome foi retirado de uma frase que estava exposta em um cemitério e faz referência ao destino. O nome do filme se enquadra muito bem em seu conteúdo, já que neste documentário é contada a história de um período violento e marcado por duas grandes guerras, horrores e mortes. Uma das características deste filme é a ausência de palavras faladas, são usadas legendas. A emoção fica por conta das imagens e da música que remetem a cada situação específica mostrada (REDAÇÃO DO CANAL CURTA, 2020).

Notícias de uma Guerra Particular, de João Moreira Salles e Kátia Lund, aborda como temática central a realidade vivida pelos moradores do Morro Santa Marta, no Rio de Janeiro. O local é muito violento, já que traficantes travam batalhas com policiais quase todos os dias. O documentário aborda diversos problemas dos moradores como: falta de empregos, salários baixos e a convivência diária com a violência. O filme serviu na época, e segue até hoje, como fonte para discussão dos problemas do lugar (SILVA, 2015).

Cabra Marcado para Morrer, de Eduardo Coutinho, é considerado um dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos, foi iniciado em 1962 e lançado no ano de 1984. A ideia do filme surgiu por causa de uma revolta no Estado de Pernambuco. Camponeses travavam batalha pela reforma agrária e o líder foi assassinado, surgiu daí a vontade de contar a história deste homem. O filme foi interrompido durante a Ditadura Militar. Coutinho recuperou algumas imagens e prosseguiu o filme com outra temática, contando a história de cada um dos personagens e o que mudou durante esse período, tornando-se assim um trabalho carregado de emoção (RABELO, 2016).

Eduardo Coutinho é considerado o maior documentarista do Brasil. *Edifício Master*, também feito por ele, conta a história dos moradores deste prédio, situado em Copacabana, cartão postal da cidade do Rio de Janeiro. Os personagens deste filme contam intimidades e fazem revelações. As imagens foram feitas no interior do apartamento de cada personagem e não há imagens externas, característica de Coutinho, que é conhecido pelo modo direto em suas produções. Durante o período de produção a equipe passou a viver no Master para aproximação e ter mais realidade no filme (DELAQUA, 2014).

Democracia em Vertigem, baseado na recente história brasileira, foi lançado em 2019 pela cineasta Petra Costa. Exibido em 190 países, foi o único filme brasileiro de 2020 que teve ênfase no Festival SUDENE, sendo indicado ao Oscar 2020 na categoria Melhor Documentário e sendo eleito pelo jornal New York Times como um dos melhores filmes do ano. O documentário retrata uma fase sensível do Brasil com cenas que abalaram a política

nacional. Durante o filme, nota-se os recortes contundentes sobre o governo do PT (Partido dos Trabalhadores) e a operação Lava-Jato. A autora da obra utiliza a própria voz para percorrer os caminhos da imagem desde a ascensão e queda do PT até a eleição do atual presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e a nomeação na época de Sergio Moro como ministro da Justiça (MATTIELLO, 2019).

Com o impacto da indústria do conhecido cinema novo, com variedade de filmes e visão artística, desde o caro ao mais barato, houve muita diversidade. O cineasta Erik Rocha viu um grande momento para fazer da cinematografia brasileira uma revivência dos anos de 1960. O filme documentário “Cinema Novo” foi vencedor na categoria “Melhor Documentário” no Festival de Cannes, em 2016. O autor utilizou depoimentos da década de 1960, dos principais diretores cinematográficos e colagens de trechos dos filmes, do que ocorria na época, com uma visão moderna do mundo e das pessoas de hoje. Erik é filho do principal diretor do grupo cinema novista, Glauber Rocha, o que facilitou o acesso a acervos e pessoas para construção de um retrato do cinema novo “a partir de dentro” (COUTO, 2016).

O documentário “Torre das Donzelas”, da cineasta Susanna Lira, que é baseado em fatos reais, retrata a experiência de ativistas na política que foram presas durante a ditadura militar em um presídio na cidade de São Paulo. Durante toda a trama do filme foi retratado e mostrado que as pessoas devem insistir na democracia e na liberdade tanto de expressão e de ir e vir. O documentário mostra que as mulheres foram impedidas de fazer uma revolução, porém de dentro do presídio, elas fizeram uma revolução maior ainda e inspiradora. Para a realização do filme, foram necessários sete anos de apuração. A roteirista pediu que fosse criada uma cela idêntica à que existiu, para que as personagens revivessem as lembranças na ala da prisão. Para a realização do filme, as mulheres se reencontraram, quase cinco décadas depois. Elas relembrou as angústias, descobertas da sexualidade e torturas e repressão que sofreram na época (RAMALHO, 2019).

2. A imigração árabe para o Brasil

O tema central do documentário *Nossa Pátria, Os Árabes em Anápolis* são os imigrantes sírios e libaneses da cidade de Anápolis, no Estado de Goiás. No ano 2020 a comunidade árabe comemora 117 anos na cidade. O maior número de imigrantes chegou à cidade no começo do século passado. Para compreender a chegada destes povos na cidade do interior goiano, é necessário conhecer todo o processo imigratório vivido pelos sírios e libaneses, desde a sua partida da pátria mãe, até desembarcarem nos portos brasileiros e

seguirem para diferentes destinos.

O território onde se situa a Síria e o Líbano foi dominado por anos pelo Império Turco otomano¹. Este domínio era bastante rígido. Podem-se apontar alguns dos motivos pelos quais os árabes deixaram a terra deles em busca do Novo Mundo, ou seja, o Brasil:

A moderna emigração árabe faz parte do movimento iniciado pelos povos do Mediterrâneo no século XIX e apresenta várias causas, porém entre todas sobrepõe a da liberdade. Liberdade religiosa, de cristãos e muçulmanos que o peso do compressor otomano não permitia a sua vivência normal; liberdade no campo de trabalho; liberdade para uma possível evolução; liberdade em toda a sua amplitude que se transforma no sentimento de uma responsabilidade que é à base do progresso humano (SAFADY, 1972, p. 9).

Os fatores políticos e religiosos levavam a insatisfação. O governo otomano controlava os clérigos e seus seguidores. Havia ainda um incentivo à intolerância religiosa, que fez com que a região fosse assolada por grandes conflitos religiosos, que levaram à morte de milhares de pessoas. Por fim, a perseguição otomana aos cristãos, que eram acusados de colaborar com os países ocidentais para enfraquecer o império (CURY, 2009).

Alguns fatores econômicos e sociais também contribuíram para a insatisfação dos povos árabes: pobreza e a fome da população, taxas elevadas de impostos, corrupção do governo otomano, a precariedade do ensino, falta de escolas, deficiência no atendimento médico à população, os serviços militares que arrastavam os jovens para as linhas de frente das guerras do império otomano e inúmeras agressões e execuções praticadas pelo mesmo regime. Tudo isso contribuiu para buscarem novas terras (CURY, 2009).

De acordo com o autor, outros fatores também levaram à imigração. O estabelecimento de contatos da região com países ocidentais, que fizeram vislumbrar novas oportunidades na América. Também, a boa impressão causada pelas novidades deste país, a promessa de uma vida tranquila, enriquecimento rápido, o respeito pela liberdade e a supremacia da ordem e do direito. Mais do que qualquer outro, a visita do Imperador do Brasil, D. Pedro II, à região, e o convite para que imigrassem para o Brasil, incentivaram muitos sírios e libaneses a emigrarem para o Brasil.

Trata-se, portanto, de uma imigração centenária, que teve os seus primórdios ainda nos tempos do Brasil Império. Dom Pedro II procurava pessoas de outros países para ajudar na construção da América. Pois a abolição da escravatura já estava premeditada, o imperador viajou por alguns países a procura de pessoas para imigrarem, e assim, trabalhar e viver em

¹ O Império Turco Otomano foi fundado na Idade Média, no ano de 1229 e resistiu vários anos até chegar a 1922, com o fim da Primeira Guerra mundial o Império perdeu força e foi extinto. Foi um Império que dominou várias partes da Ásia impondo controle político, econômico e religioso. O Império otomano foi a última potência global do mundo islâmico (SANTIAGO, 2011).

terras brasileiras (SOUZA, 2018).

A visita do Imperador D. Pedro II aos países árabes, na década de 1880, reforçou a difusão em prol da emigração dos árabes ao Brasil, pois em 1910 foi editado um resumo da história do Brasil, no Cairo, pela editora Al-Hilál de propriedade de Jorge Zaidan (imigrante libanês, cristão), que, na apresentação pretendeu, com aquele trabalho, orientar os árabes, ampliando seus conhecimentos sobre o Brasil, que considerava como o país do futuro, tão procurado por seus conterrâneos libaneses (SAFADY, 1972, p. 43).

A visita do Imperador contribuiu muito para o processo de imigração dos povos árabes. Mas as notícias que se tinham do novo mundo eram as mais atraentes possíveis.

As notícias que lá chegavam, de que um país novo, com vasta extensão territorial, com terras virgens e férteis, florestas e rios ainda intocados, abriu suas portas para receber imigrantes, garantindo-lhes direito a vida, a liberdade, a segurança e a propriedade, estimulou uma legião de moços a virem para o Brasil (ASMAR, 2010, p. 57).

Os imigrantes árabes que chegaram ao Brasil no século passado, segundo o autor, vinham principalmente do Líbano, Síria e também da Palestina. Eles procuravam novas terras. Com um espírito de aventureiros, demandavam as terras desconhecidas, onde pudessem formar seu ambiente e ganhar com facilidade o seu sustento e o dos seus familiares.

A moderna penetração árabe no Brasil, na segunda metade do século XIX, apresenta várias características, destacando-se por ter sido desenvolvida pelos cristãos; quanto aos judeus e mulçumanos árabes, estes levaram muitas décadas depois, para iniciarem sua emigração (SAFADY, 1972, p. 39).

Um dos fatores que colaborou para o avanço cada vez maior da imigração árabe foi à generosidade brasileira e a forma como o brasileiro sempre recebeu as pessoas. Dessa forma, a integração árabe ou sua aculturação no meio brasileiro teve diversos processamentos, tendo como fator principal a hospitalidade brasileira, “que muito contribuiu para a mudança das diretrizes iniciais de uma emigração provisória para uma emigração de fixação e praticamente definitiva” (SAFADY, 1972).

Outro fato interessante a ser analisado é o perfil dos primeiros imigrantes árabes. Os primeiros sírios e libaneses eram rapazes solteiros, que moravam geralmente em aldeias ou na zona rural. A grande maioria desses imigrantes era de mão de obra agrícola. No entanto, apesar disso, a grande maioria quando chegou ocupou a zona urbana. Os primeiros imigrantes, de maneira geral, viviam sozinhos, solteiros, mas eles nunca abandonaram a ideia de família patriarcal ou família grande. À medida que iam enriquecendo, conquistando fartura e prosperidade mandavam buscar os irmãos, os pais e os familiares (CURY, 2009).

A identidade dos árabes, portanto, sofreu uma pequena mudança quando aportaram em terras brasileiras.

Os imigrantes árabes pioneiros só podiam sair de seu país com passaporte turco, uma

vez que a Turquia os dominava: a distinção entre turco e sírio geralmente não era feita. O assunto tornou-se crítico quando a Turquia se tornou inimiga do Brasil na Primeira Guerra Mundial. Os sírios e libaneses eram vistos como cidadãos da Turquia, um país estrangeiro inimigo, aos quais não deveriam ser oferecidas quaisquer facilidades (NUNES, 2000, p. 153).

Existem algumas curiosidades em relação aos nomes dos árabes. A primeira delas é que, quando chegaram ao Brasil, mudaram de nome e adotaram nomes um pouco mais comuns no Brasil. Essa mudança era feita, pois ao desembarcarem nos portos brasileiros, traziam consigo documentos Turcos Otomanos. Devido à dificuldade de comunicação, por motivo de distintas línguas, eram imediatamente chamados de turcos, e assim eram chamados por longas datas. Adotar nomes brasileiros foi uma saída que encontraram para evitar esse problema (ASMAR, 2010).

Porém, este fato, que causava constrangimento aos imigrantes árabes, de acordo com o autor, mudou após a queda do domínio da Turquia sobre os países árabes, após sair derrotada da grande guerra, que ocorreu entre os anos de 1914 e 1918. Os imigrantes que vieram após a década de 1920, mantiveram os nomes árabes. Porém os mesmos eram transcritos com as letras do alfabeto usado no Brasil, mas com a pronúncia sem sofrer muita alteração.

Outro fato interessante, referente ao nome dos árabes, está diretamente ligado à profissão dos patriarcas das famílias. No Oriente Médio, principalmente em territórios da Síria e do Líbano, existiu uma tradição muito forte de a família levar a profissão do pai no sobrenome. Podemos observar dentre nomes comuns no Brasil, como: Hajar que significa pedreiro, Bittar que quer dizer ferreiro, Cury que remete o filho do padre, Jorge que significa agricultor. Carregar estes nomes, portanto, é motivo de orgulho, pois os árabes, que são muito dedicados ao trabalho o consideram como uma verdadeira arte, digna de honra (CURY, 2009).

A trajetória dos imigrantes árabes deu-se de forma muito parecida para todos. Inicialmente começaram trabalhando como mascates, vendendo de porta em porta. Conforme iam tendo sucesso, passavam a ser comerciantes e varejistas, seguindo os passos até chegarem à indústria (CURY, 2009).

Asmar (2010) também recorda que a mascateação virou parte da identidade árabe, principalmente dos primeiros imigrantes. É importante destacar que, assim que chegaram ao Brasil, à maioria dos imigrantes eram analfabetos, pois havia uma distinção das duas línguas e a maioria também não tinha qualificação profissional. Então foram encaminhados para trabalhar nas fazendas, para substituir o trabalho dos escravos que tinham alcançado a alforria poucos anos antes.

O autor menciona que o trabalho nas fazendas era cansativo, exigia coragem e

determinação. O salário era muito baixo, na maioria das vezes o empregado ficava até mesmo devendo ao patrão, pois tinham que comprar as ferramentas de trabalho. Em alguns casos, a alimentação era o único pagamento oferecido pelo dia exaustivo de trabalho.

A mascateação surgiu deste fato, além da insatisfação do trabalho quase escravo e preço abusivo das ferramentas, unido também à característica rural do Brasil de antigamente, muitas pessoas viviam em fazendas, que ficavam longe das cidades (ASMAR, 2010).

Em princípio, a atividade era modesta. Com uma simples mala, recheadas de coisas de pouco valor, conduzida na cabeça, com uma mão de apoio, saiam em determinada rua, a partir de uma ponta, batendo de porta em porta, até chegarem ao fim. Procediam com cautela, sem alardes, e, quando saía alguém, com notória humildade, diziam que tinha alguma coisa útil para vender, por preços bem baratinhos. Quando eram moças ou mulheres que os atendiam, a exibição de adereços, de início, já facilitava a aproximação. Neste continuar, a coisa foi aumentando e, ao invés de uma mala só, insuficiente, já carregavam duas. Um pouco mais de tempo e já tinham um animal, chamado cargueiro, que suportava, no lombo, o peso das mercadorias, há esse tempo, já mais variadas (ASMAR, 2010, p. 48).

Grande parte dos árabes, após alcançar o sucesso como mascate e faturar muito, montavam o seu próprio comércio, segundo o autor. As mercadorias eram vendidas a prazo, havia uma relação de confiança entre clientes e vendedores. Os preços eram atrativos, pois eram bem mais baixos se comparados a outros estabelecimentos e também ao que era cobrado pelos fazendeiros.

No final do século XIX, os imigrantes árabes já estavam presentes em praticamente todas as regiões do Brasil. Alguns anos após este período, nos anos da Primeira Guerra Mundial, houve uma queda em relação à quantidade de imigrantes que chegavam ao país. Portanto, entre os anos de 1920 e 1930, houve um período de grande fluxo, só no ano de 1926 mais de sete mil imigrantes destes dois países aportaram no Brasil (NUNES, 2000).

A década de 1930, porém, marca outro declínio em relação ao número de imigrantes que aqui aportaram, como menciona a autora. No ano de 1930, o Brasil deu início a uma política de restrição imigratória. As restrições aos imigrantes aumentaram alguns anos depois.

Em 1934 foi feita nova restrição a entrada de imigrantes no Brasil, com base em dois decretos, um de 9 e outro de 16 de maio, nos quais se impunham, como condição preferencial, o trabalho na agricultura. Todavia, sabe-se que esses decretos não foram cumpridos ao rigor da lei, pois nem todos os que entraram no Brasil naquela fase eram agricultores, o que se comprova de modo específico, com os sírios e libaneses que, embora fossem em grande parte comerciantes, para efeito de entrada, junto ao órgão de imigração diziam-se agricultores (NUNES, 2000, p. 48).

Em 1937 a constituição daquele ano dá continuidade à política de restrição para todas as levas de imigrantes, sejam eles de qualquer país. Na época uma porcentagem estipulava a quantidade de imigrantes que poderiam viver no Brasil, era 2% da população. (NUNES, 2000).

A autora conta que com o termino da Segunda Guerra mundial, grande parte dos territórios árabes foram dominados pelos governos francês e inglês. Este fato levou outros milhares de pessoas a ficarem insatisfeitos e uma nova leva imigratória, de grande número novamente, tomou os rumos do Brasil. Os sírios eram maioria, seguido pelos libaneses e em menor quantidade, outros imigrantes de outras nacionalidades.

Para Safady (1972), a imigração árabe ocorreu de forma rápida, iniciada em 1880. O primeiro calculo que contabilizou a presença destes imigrantes no Brasil foi em 1900, vinte anos após o início da imigração. Na época, existiam oitenta mil sírios e libaneses no Brasil.

Na atualidade existem 12 milhões de libaneses e descendentes no Brasil, é quase o triplo da população de lá². Quanto aos imigrantes sírios, não há um número que retrate a quantidade de imigrantes e descendentes, mas este número aumentou muito por causa da vinda de refugiados, que deixaram a Síria por causa da guerra³.

Estimativas de 2018 feitas pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE, 2018) apontam que os sírios representam 36% dos mais de onze mil refugiados no Brasil. A maioria dos que chegam ao Brasil, vem atraídos pelas oportunidades de trabalho, muitos dos refugiados recebem notícias de parentes ou amigos que aqui já se instalaram. O Brasil também chama a atenção pela hospitalidade de seu povo. As primeiras dificuldades são com o domínio da língua portuguesa, mas isso é quebrado com o passar do tempo. Os refugiados sírios que chegam na atualidade, em grande maioria, assim como os pioneiros, saem sozinhos de suas cidades e conforme vão se instalando e melhorando as condições financeiras, buscam a família.

2.1. A imigração árabe para Goiás e Anápolis

Após o período de exploração das minas de ouro que existiam em Goiás, a maioria das pessoas que viviam da atividade de garimpo mudou para outras localidades do país. O Estado de Goiás passou por um período basicamente agrário, ao longo do século XIX e começo do século XX. Em tal época, Goiás não representava papel importante na agropecuária, pois a maioria da produção era de subsistência (NUNES, 2000). Segundo Asmar (2010, p. 27), “após

² Hoje tem mais libaneses no Brasil do que no Líbano. São 12 milhões de libaneses no Brasil e 4,5 milhões no Líbano. E mais de 12 mil brasileiros vivem no Líbano (REDAÇÃO DO G1, 2017).

³Com a Ascensão da Primavera Árabe nos países da região, o Governo de Al-Assad foi alvo de reivindicações e protestos. A cena política ficou marcada por fortes conflitos, pois havia repressão aos que se opunham ao governo, surgiram então vários grupos terroristas. O resultado foi à morte de milhares de pessoas e outras tantas desabrigadas (GONÇALVES, 2015).

o ciclo da mineração e da exploração rudimentar da terra, tirando dela produtos primários, pelo braço escravo, nada mais atraía ou estimulava a vinda de pessoas, imbuídas com o desejo de aqui se fixarem”.

O perfil dos imigrantes oriundos da Síria e do Líbano que chegaram a Goiás nos primórdios da imigração seguia o padrão dos que chegavam ao Brasil como um todo. A grande maioria de rapazes solteiros, a ideia de parentesco também acontecia aqui. Um parente já instalado chamava outro e iam se ajudando, além do parentesco, outros motivos são apontados por Nunes (2000) para os imigrantes árabes escolherem Goiás. O Estado era visto como lugar de prosperidade, riquezas, terra de oportunidades, lugar para se viver com dignidade.

A autora conta que os primeiros imigrantes sírios e libaneses que chegaram ao Estado, ainda no final do século XIX, não trouxeram consigo grande quantidade de dinheiro, também não havia formação profissional e a língua portuguesa era aprendida aos poucos, sem certo domínio no começo. A maior parte dos árabes que chegaram a Goiás seguiu o exemplo dos que imigraram para outras regiões do Brasil, adotaram a profissão de mascate.

Pouco a pouco, avançando pelo interior do país, como aconteceu nesta região de Goiás, os árabes, estabelecendo seus negócios, em cidades pequeninas, com população reduzida, de pouca capacidade econômica começaram a penetrar na zona rural, em busca de fregueses, onde, de fato, concentrava-se bom número de habitantes, mais remediados, do que os moradores das cidadezinhas (ASMAR, 2010, p.49).

Segundo Nunes (2000), os árabes que escolheram Goiás para viver sonhavam com a possibilidade de abrir o seu próprio comércio, mas devido às dificuldades financeiras eles começavam obtendo mercadorias fornecidas por um comerciante já estabelecido. O interessante é que a maioria dos fornecedores também já havia passado alguns anos antes pela mascateação.

Além das mercadorias, o mascate recebia alojamento, às vezes na própria casa do atacadista, geralmente sob o pagamento de uma taxa. Homens solteiros eram alojados com homens solteiros e mulheres com mulheres, exceto no caso de casais com crianças pequenas, as quais eram designadas acomodações especiais. O arranjo demonstrava ser rentável para todos os envolvidos. Assim, o negócio se expandia a ponto de se encontrar, às vezes, uma dezena ou mais de imigrantes vivendo sob um mesmo teto (NUNES, 2000, p. 85).

Em terras goianas, segundo a autora, os mascates e os donos de comércios onde as mercadorias eram retiradas também estabeleciam relação de confiança entre eles. A grande maioria dos árabes chegou às terras goianas após o término da Segunda Guerra Mundial, os motivos fora as importantes mudanças econômicas que o estado começou a passar naquele tempo. O crescimento da produção agrícola forçou a procura de novas terras. O solo fértil da região sul de Goiás juntamente com os preços baixos das terras atraiu muita gente para o estado que passou por um significativo crescimento econômico e populacional.

Mas a realidade goiana, como menciona Nunes (2000), que era de agricultura para

o próprio consumo, mudou definitivamente com a chegada da estrada de ferro, na década de 1920. Os trilhos começaram a ser construídos em terras goianas para ligar cidades e o Estado a outros mais desenvolvidos. Nesta época, a população de Goiás cresceu de forma significativa, principalmente nas regiões sudeste e sul, aonde chegaram os trilhos e ganharam também algumas rodovias. Foi neste período que o Estado começou a receber a maioria dos imigrantes. Esse processo se dava a partir das oportunidades que surgiam.

Novas empresas se instalaram nestas regiões ampliando o seu fluxo comercial. As relações comerciais e regionais e inter-regionais se incrementaram, desenvolvendo um ativo comércio importador e exportador, surgindo no sudoeste expressivos centros comerciais (Ipameri, Catalão, Pires do Rio) que substituíram as cidades do triângulo mineiro no controle do comércio regional (NUNES, 2000, p. 68).

Portanto, foi exatamente nestas cidades goianas, cortadas pelos trilhos de ferro, que a maioria dos árabes foi morar, atraídos pelo comércio que começava a se moldar, como relata a autora. Conforme os trilhos iam avançando e chegando a outras cidades, os imigrantes árabes seguiam o mesmo caminho, mudavam para acompanhar o progresso e desenvolver sua atividade comercial.

Em 1911, a Estrada de Ferro de Goiás inaugurou o seu primeiro trecho entre Araguari e a estação Anhanguera em território goiano e, a partir de então, foi seguindo pelo sudoeste do estado, interligando os seguintes municípios: Cumari e Goiandira (1913), Ipameri (1913) Catalão (1914), Roncador (1914), Pires do Rio (1922), Vianópolis (1924), Silvânia (1930), Leopoldo de Bulhões (1931). Em 1935 a ferrovia atingiu a região do Mato Grosso de Goiás, chegando a cidade de Anápolis e, finalmente, a Goiânia em 1952 (NUNES, 2000, p.72).

Foi na década de 1930 que os trilhos chegaram até a cidade de Anápolis. Dessa forma, a grande maioria dos árabes que viviam nas cidades cortadas pela estrada de ferro seguiu seu caminho para Anápolis. A cidade se transformou na época no maior polo econômico de Goiás (NUNES, 2000).

A transformação econômica de Anápolis se deu em tal época, mas a presença árabe na cidade já existia há alguns anos. Pouco se sabe sobre a história do pioneiro árabe a desbravar terras anapolinas, as informações apontam para a sua chegada ao ano de 1903. Era um sírio, chamado Charrud, que ganhou o apelido de Joaquim Turco, porém a imigração foi ganhando força com o tempo (CURY, 2009).

Os imigrantes da Síria e do Líbano que iam chegando no início do século alavancaram o crescimento comercial e cultural da cidade. Jairo relembra alguns marcos da história em que os imigrantes sírio-libaneses atuaram de forma pulsante para o desenvolvimento anapolino Um fator que chama a atenção é que em 1918 a festa do Bom Jesus da Lapa, que foi realizada, e organizada pelo sacerdote católico naquele ano, tinha como comissão de organização somente imigrantes árabes entre eles os sírios e libaneses. O historiador ressalta também outro fato memorável “No início do ano de 1930 é criado aqui a união síria de Anápolis, eles fazem essa associação e também tentam criar uma escola síria, tal escola chegou a funcionar, mas não foi

adiante. Contribuíram também para a criação da Associação Comercial Industrial de Anápolis (ACIA) também ajudaram muito a impulsionar o comércio atacadista instalado no centro” (SOUZA, 2018, p.1).

Aos poucos os recém-chegados começavam a montar seus comércios, pequenas fábricas. Em 1911, a comunidade sírio libanesa começou a ganhar volume em Anápolis, a grande maioria dos comércios eram armarinhos e de cereais. E foi justamente o sucesso destes pioneiros como comerciantes nas novas terras que levaram muitos árabes a tomar o rumo de Anápolis. Mas com a chegada dos trilhos na cidade, ela cresceu muito e ia se tornando uma das maiores forças econômicas do Estado, isso fez com que a grande maioria da colônia árabe se instalasse na cidade atraída pelas oportunidades. Mas apesar deste domínio no comércio, com o passar dos anos as profissões começaram a se diversificar, muitos médicos começaram a se formar, os árabes atuaram também na cena política e em várias outras profissões (NUNES, 2000).

Portanto, as grandes contribuições destes árabes, seus filhos e netos para o desenvolvimento da cidade marcou a história de Anápolis. Os pioneiros não poderiam avaliar a grandiosidade do valor do trabalho e contribuição deles para a cidade. Até os dias de hoje libaneses e sírios possuem muita influência em diversas áreas da cidade, seja ela comercial, industrial, médica e até mesmo no esporte. Importantes contribuições não só para a cidade, mas também para o desenvolvimento de Goiás, do Brasil e da diversidade cultural que é o país (CURY, 2009).

O autor considera que o oriente médio possui tradições e culturas que são transmitidas na sociedade por gerações a fio. Mesmo deixando o país de origem, os árabes não se esquecem do berço familiar e se orgulham da tradição que cultivam. Sabe-se que, de maneira geral, pessoas dessa etnia nunca abandonam a ideia patriarcal. No caso dos grupos que vieram para o Estado de Goiás, a partir do momento que se estabeleciam, mandavam buscar os irmãos, pais e os demais integrantes da família que lhes interessavam.

Com a imigração passaram a viver por sua própria conta e a encarar novas situações como indivíduos independentes. Ao mesmo tempo, eles ganhavam o dinheiro almejado e o enviaram para casa. O símbolo de prestígio econômico começou a mudar da terra para o dinheiro, provocando uma mudança na natureza do relacionamento entre pais e filhos (NUNES, 2000, p. 118).

De acordo com a autora, ocorreram duas quebras de tradições familiares importantes para esta descendência em Goiás. A primeira se deu em relação à subordinação da mulher, que deixava de se dedicar apenas as atividades do lar e conquistava a qualificação profissional e igualdade econômica. A segunda se deu em relação as atividades ocupacionais dos homens. Os árabes abandonaram as atividades agrícolas, que na terra natal era ligada a

aldeias de família, para abraçar atividades comerciais no Estado de Goiás, inicialmente como vendedores ambulantes.

Os árabes, algumas vezes para manter uma boa convivência quando imigravam, tanto sofreram diversas alterações na própria cultura quanto incluíram parte de suas tradições para um bom relacionamento com as pessoas. O que mais contribuiu para uma aproximação foi a culinária, pois o modo como preparavam os alimentos diferenciava-se do daqui. Porém foi o quibe, talvez o prato mais conhecido entre os brasileiros, o grande embaixador na aproximação de muitos, estrangeiros e nacionais, grandes e pequenos (ASMAR, 2010; CURY, 2009).

2.2 Cultura, religião e tradições

Os grupos que vieram da Síria e Líbano têm uma gastronomia formada por uma grande variedade de entradas, que nesses países são chamadas de *Mazze*. Nas refeições, há muito consumo de cereais, frutos secos, queijos, legumes, frutas, sementes de pinheiro, castanhas e pistache. Nenhum tipo de bebida é servido nas refeições, sendo o café a principal bebida consumida, principalmente entre os libaneses. “A carne mais usada é a de carneiro, normalmente servida em espetos, ensopada ou moída. Por conta da religião islâmica, não é permitido o consumo da carne de porco” (CURY, 2009. p.58). Para Asmar (2010), a comida dos árabes, principalmente o pão sírio, quibe, malfuf, tabuli, coalhada e o ariche, e também os doces balai, haleua⁴, eram muito apreciados e não pareciam mais exóticos.

As danças árabes são fenômenos típicos nas festas de confraternização, sendo a mais popular a Dança do Ventre, que tem como referências as divindades femininas e a fertilidade. A música tocada durante a apresentação normalmente é monódica⁵. “Mas, as demais canções árabes podem ter vários estilos, com raízes na poesia da Península Arábica Pré-Islâmica, com pouco uso de polifonia e uma tendência a grupos musicais de poucos integrantes” (CURY, 2009. p. 62).

Segundo o autor, os instrumentos musicais árabes são típicos dessa região e os

⁴ O pão sírio é muito apreciado pelos árabes, é uma mistura de farinha, sal, fermento e um pouco de água que depois é assada, geralmente é servido como entrada. O quibe é uma mistura de trigo e carne moída, onde se adiciona temperos, ele pode ser servido cru, assado, cozido e frito, como é mais conhecido no Brasil. O tabuli é uma típica salada árabe, feita de trigo misturado com algumas verduras como: tomate, pepino e cebola, que são temperados e servidos, geralmente como entrada. A coalhada síria, ou coalhada seca, como geralmente é conhecida, é feita com leite de vaca ou de cabra, se comida fresca o gosto é suave, porém, depois de alguns dias torna-se ácido, os árabes comem com pão ou acompanhada de outras comidas. O ariche é um queijo árabe muito conhecido, os mais comuns são envoltos com záttar. Geralmente é consumido puro ou acompanhado de pão. O halleua é um doce feito com gergelim. O ballai é um doce assado, recheado com castanhas e mel (ASMAR, 2010).

⁵ Monódica é uma música triste, entoada por uma única voz, sem acompanhamento (Dicionário Online de Português, 2009).

grandes responsáveis pelas melodias dessa cultura. O *Bendir* é um instrumento mais conhecido e apreciado. Costuma ser decorado com desenhos ou frases do alcorão, feitos com Hena. Em forma de pandeiro, possui duas ou mais cordas e tem como característica as cordas que correm por dentro do corpo, rentes ao couro. Estas amarras são responsáveis pelo som zumbido inconfundível e marcante na música *Berber*⁶.

A religião é algo que está presente fortemente na cultura árabe. A mais conhecida no mundo e um tanto polêmica é o *Islã*, que em árabe significa Submissão a Deus. Popularmente conhecidos como Muçulmanos, seguem o Deus *Allah*, o Alcorão e a Mesquita está situada em uma pequena cidade denominada Meca. O Alcorão é o livro sagrado dos muçulmanos, é dividido em 114 capítulos que são chamados de suras ou azoras. Lido de trás para frente, pois está escrito em árabe, a língua sagrada da religião, só podendo tocar quem segue firmemente os dogmas ali impostos, os fieis devem aceitar as leis que formam a base da lei islâmica.

A cidade de Anápolis, localizada no Estado de Goiás, possui uma Mesquita que está voltada para Meca. Fundada em 1970 por muçulmanos libaneses, atualmente possui fieis de várias descendências do mundo, como os palestinos e egípcios, inclusive alguns brasileiros que aderiram à prática. Mas, com o tempo, alguns não falam mais a língua árabe, adotaram nomes cristãos e casaram-se com mulheres não muçulmanas (NUNES, 2000).

Segundo Nasser Sahin (2020),⁷ o Centro Islâmico de Anápolis foi construído na década de 1970. Não havia nos anos que antecediam este período um local para que os muçulmanos que chegaram á cidade pudessem praticar a fé, por meio de suas orações e reuniões. As orações eram feitas na Praça Bom Jesus, no Centro. Um amigo destes árabes, que não era muçulmano, ao vê-los em oração, doou um terreno para a construção de uma mesquita e um colégio muçulmano. Houve na época um contrato para a construção, um dos termos era o prazo de dois anos para a construção.

Defender as tradições contra as pressões de outra cultura, para Nunes (2000), era muito mais difícil para os muçulmanos do que para os cristãos. Apesar de não adotarem a prática do clero e de poderem orar em qualquer espaço, a Mesquita e o seu líder de oração, o Imã, são figuras centrais para a prática religiosa muçulmana e um símbolo da unidade comunitária.

Dentro do Islã, há cinco deveres que cada muçulmano deve seguir. O primeiro deles

⁶ É um estilo musical que se deu a partir de instrumentos árabes. Possui uma natureza que lembra o Folclore mais antigo dos marroquinos e foi consagrada no norte e oeste da África. Utilizada em cerimônias religiosas e festividades, como cerimônias de casamento, festivais sazonais, calendários agrícolas e até mesmo durante o luto e a morte (ZUWARAH, 2015).

⁷ Nasser Sahin é sheik No Centro Islâmico de Anápolis. Trecho transcrito da entrevista para a produção do documentário *Nossa Pátria, Os Árabes em Anápolis* (2020).

é chamado de Chahada, onde reside pela recitação e aceitação do credo. O segundo é denominado Salah, que são as cinco orações ao longo do dia. O terceiro é Zakat, pagar dádivas rituais. O quarto é o Siyam, o famoso jejum no Ramadã. O quinto e último é o Hajj, que é a peregrinação até Meca (RODRIGUES, 2018).

De acordo com o autor, a Musalla, conhecida popularmente no Brasil como Salão de Orações, não possui nenhum móvel para permitir um maior número de fiéis dentro do recinto. Por conta da oposição do islã de representação de figuras humanas, o salão não possui figuras religiosas ou qualquer outro tipo, para que o ser humano possa ter a atenção voltada totalmente a Allah. O único objeto encontrado e exposto dentro é o Alcorão. O outro detalhe presente está ao lado oposto da entrada, o muro de *Gibla*.⁸

Nasser Sahin também explica que os adeptos da religião islâmica acreditam viver quatro vidas. A primeira é dentro do ventre da mãe. A segunda é a vida terrestre. A terceira vida vem após a morte, ou seja, no túmulo do cemitério. Segundo ele, neste momento, para a crença muçulmana, é possível ver quem faz visita ao túmulo e até mesmo sentir alegria com a prosperidade da família. Já a quarta e última vida é o dia do juízo final que decide a eternidade de cada um.

Para a religião islâmica a mulher é considerada sagrada, pois ela pode ser mãe. Na tradição do casamento há um contrato de casamento, onde é estipulado um dote, uma quantia em ouro, para o caso da esposa ser jogada ao vento, essa quantia é usada como ajuda financeira. O sheik também conta que o muçulmano pode se casar com quatro mulheres, mas essa prática em Anápolis é quase inexistente. Na religião islâmica não há namoro, apenas o casamento.

O catolicismo ortodoxo, proveniente do lado Ocidente do mundo, também é praticado pelos árabes, destacando-se como uma das principais religiões. Pequenos detalhes diferenciam do que no Brasil denomina-se de catolicismo romano. Um dos pontos que os diferenciam é o fato do casado poder se tornar padre e não precisar seguir as ordens vindas do Papa.

O padre Firás Bistati⁹ explica que uma das características que difere a Igreja Ortodoxa da Igreja Romana é o casamento. No ritual ortodoxo o padre eleva sobre os noivos a coroa que significa um reino, ou seja, a casa que eles irão governar a partir daquele momento. Elas representam alegria como também martírio e tristeza, já que o casamento é um caminho de sacrifício

⁸ São filas paralelas onde os crentes rezam que sempre estão posicionadas perpendiculares à cidade de Meca (RODRIGUES, 2020).

⁹ Firás Bistati é padre na Igreja Ortodoxa São Jorge de Anápolis. Trecho transcrito de entrevista para a produção do filme *Nossa Pátria, Os Árabes em Anápolis* (2020).

onde um aguenta o outro. Após a coroação, o padre conduz o casal por três voltas ao redor do altar e da palavra de Deus, simbolizando que Jesus Cristo é o centro da vida de todos como também daquela nova família que se forma ali perante o altar. Esta pequena procissão também simboliza os primeiros passos dos dois como casal. As três voltas representa a santíssima trindade e tudo é feito ao contrário do relógio.

Portanto, para estes imigrantes que chegavam ao país, aderir ao catolicismo era uma árdua tarefa. O processo exigiu sacrifícios como o abandono da fé ou mudanças de rituais em suas igrejas. As igrejas ortodoxas adequaram-se aos costumes locais, pelo fato de preocupar-se com as necessidades espirituais e psicológicas dos fiéis, com o papel religioso expandindo-se para incluir a função social, adotando também a língua portuguesa nas celebrações (NUNES, 2000).

A cultura árabe traz consigo uma vestimenta notória feminina, onde por vez são bastante comentadas mundo a fora. No Brasil não poderia ser distinto. Parte das mulheres muçulmanas adere a algum estilo de roupa, muitas vezes ditas como véu. Quando vistas causam uma mirada, quase automática e inconsciente, no momento em que é avistada em qualquer ambiente. Porém, há um ponto crucial no que se refere a respeito do uso do véu. Podendo ser usado de várias formas e com diferentes coberturas corporais, possuem distintos significados nas comunidades nas quais são utilizadas, não devendo ser confundido e nem usado como padrão de uso.

O mais popular que remete ao primeiro reflexo quando falamos em vestuário é a Burca. Usada desde a metade da década de 1970, surgiu com o regime rígido do Talibã. Atualmente não é mais obrigatório o uso, mas ainda é usado por muitas. Vale ressaltar que essa forma de cobertura não foi inventada pelo mesmo. Há muitos anos antes, em determinada região do Afeganistão, havia um grupo de mulheres denominadas *pashtun*¹⁰ que usavam esta vestimenta ao saírem. A burca bloqueia a visão lateral de quem a usa e impossibilita a visão dos pés. A burca, como algumas outras formas de "cobertura", marcou a separação simbólica entre as esferas masculina e feminina, como uma parte da associação geral de mulheres com a família e a casa, e não com o espaço público onde os estranhos se misturam (ABU-LUGHOD, 2012).

O Niqab é um véu integrado muito usado na Arábia Saudita, Iêmen, Omã e Emirados Árabes. Deixa a mostra apenas a parte dos olhos, cobrindo o rosto e pescoço. Um

¹⁰ O pashtun é o maior grupo étnico do Afeganistão e vive sobretudo da agricultura. Outra característica deste grupo é que eles possuem uma forte organização tribal, sendo cada tribo dividida em clãs, subclãs etc. Geralmente, como em outras tribos, os problemas e conflitos internos são resolvidos pelo conselho tribal e pelos mais velhos (SOUL, 2013).

pouco dissociado da burca, costuma sobrepor uma vestimenta a outra (SCHOSSLER, 2016). O Xador, assim como o Niqab e a burca, cobre todo o corpo, porém este deixa toda a parte do rosto à mostra. Em geral, costuma ser preto quando a mulher tem que se apresentar em público. Para ambientes fechados ou para ir até a Mesquita, podem ser coloridos combinados com um lenço na cabeça ou até mesmo utilizar brincos por debaixo delas. Esse estilo se popularizou no Ocidente com a revolução islâmica iraniana, e são muito utilizados em países como o Líbano, Iraque, Bahrein e Arábia Saudita (ALAMEDA, 2016).

Segundo SCHOSSLER (2016), o Hijab é o mais popular do Ocidente quando o termo é véu islâmico. Costuma ser constantemente usado de forma genérica para atribuir ao nome de todos os tipos de véus. É um lenço que cobre a cabeça e o pescoço, deixando a face livre. Este modelo existe em diversas cores e estampas, variando com as tendências do mundo da moda. Devem ser usados em público ou na presença de homens desconhecidos, e seu uso faz jus à interpretação de um trecho do Alcorão.

O autor destaca ainda o Al-Amira, uma variação do Hijab que costuma ser usado por pessoas mais jovens. Composta por duas partes ao se vestir, sendo a primeira uma espécie de touca cobrindo a cabeça de forma bem justa, e a segunda uma espécie de véu que veste sobre a primeira, tampando o pescoço e chegando até os ombros. O Khimar é parecido ao Al-Amira e ao Niqab ao mesmo tempo. Porém é mais longo, chegando até a cintura e as vezes cobrindo todo o rosto deixando apenas os olhos livres.

CAPÍTULO II

MEMORIAL

Memorial Daniella Reila Silva Breta

No início do curso eu dizia fortemente que trabalharia em jornal impresso, pelo fato de sempre amar escrever, ler, ouvir e contar histórias. Então, sempre pensei em escrever um livro, daqueles de capa dura e que fizesse história. Mas, tudo muda. Estagiei em dois jornais impressos e não me encontrei, na verdade, ousou dizer que ali me descobri e redescobri um milhão de vezes. Logo, escrever um livro como opção de Trabalho de

Conclusão de Curso havia saído completamente dos meus planos.

Antes mesmo de entrar na faculdade sempre admirei roteiros, filmes e documentários, porém nunca fui atrás para saber do processo e como havia toda uma preparação até chegar ali, na nossa tela. Consequentemente, havia uma matéria de documentário que foi me prendendo aos poucos. Cada vez que eu entrava na sala de aula, era uma mistura de angústia e vontade de aprender mesmo, porque, quando o novo vem, sempre ficamos pensando um milhão de vezes se é aquilo mesmo que queremos. Um dia, a professora que ministrava a matéria nos contou sobre um documentário chamado *Human*¹¹ e ali eu soube exatamente o que eu queria fazer como matéria de conclusão e de vida.

O tema era algo incerto ainda, visto que eu pensava em diversos assuntos interessantes que poderiam dar certo. Um amigo me convidou para ir à Igreja Ortodoxa de Anápolis para conhecer e aprender mais sobre a comunidade árabe, mas, este era o único tema que eu não cogitava. Os dias foram passando, visitamos cada vez mais a igreja e fomos a mesquita para conhecer o Sheik e aprender sobre o Islã. Tendo cada vez mais contato, fui me apaixonando pela cultura e histórias, afinal conhecer coisas e mundo novos sempre foi um gás cultural para mim.

Um dia, conversando com meu companheiro de TCC, decidimos ir para este lado cultural e ainda desconhecido e abranger e fazer um filme documentário sobre esse tema. Fomos a fundo atrás de fontes, pesquisas sobre o mundo árabe relacionado à cultura, costumes, como aquele povo vivia, guerras e o principal, como e quando eles chegaram à cidade de Anápolis. Muitas vezes foi bastante cansativa pelo tanto de informações que adquiriríamos no caminho, apesar disso fazíamos e falávamos aquilo com tanta paixão, que não havia um ser humano que não dissesse que não tínhamos descendência árabe ou que havíamos visitado países de origem.

Quando fui a campo para gravar e entrevistar alguém, fui com o medo, pois não sabia se iria dar certo ou não por conta da pandemia da COVID19, com tantas pessoas isoladas, tudo ficou incerto. Algumas fontes possíveis do início vieram a óbito, mas outras surgiram, o que dava em cada passo um grande alívio. Sempre fui muito bem recebida e acolhida por aquele povo. Não houve dificuldade com as fontes, pelo contrário, por terem orgulho de sua origem, muitos queriam compartilhar suas histórias. O que atrapalhava, às

¹¹ O fotógrafo francês Yann Arthus-Bertrand realizou o filme documentário *Human* (2016) dividido em três volumes, com uma equipe técnica e passou três anos coletando relatos de mais de 2000 homens e mulheres, por mais de 60 países. As histórias reais, as mais diversas, versam sobre diversos tópicos, como vida, morte, amor, família, pobreza, direito das mulheres, sexualidade e guerra (ADORO CINEMA, 2016).

vezes, era a luz do local ou barulhos que havia ali, porém tudo era solucionado rapidamente.

Havíamos frequentado os lugares há um certo tempo, então as pessoas que tinha em mente para serem entrevistadas foram selecionadas. Os personagens para compor o filme, eram descendentes, como o Marcelino Cozak que relatava a vinda e como a família fez pra chegar ate a cidade e prosperar. E os próprios imigrantes como o Elias Awad, que teve que fugir de guerras civis do seu país de origem e construir uma vida do zero em Anápolis. Foram três dias intensos de gravações e com roteiros que fizessem como as histórias fossem contadas por si só. E todos eles, de alguma forma, tem a religião em comum e acrescentaram o filme falando sobre cultura, gastronomia e muita luta.

O trabalho escrito foi um pouco complicado, pois existiam muitos materiais disponíveis e tive que selecionar os autores e qual caminho tomaria. Entretanto, eram leituras agradáveis que em sua maioria, terminaria de ler em três dias. Quando o filme criou vida e aqueles três dias intensos de gravações estavam ali, na nossa frente, a artista que mora dentro de mim se orgulhou e tinha certeza que estava no caminho certo. Sinto-me muito feliz pelo rumo que as coisas foram caminhando e por ter sido uma mistura de cansaço e prazer escrever este trabalho, pois já acabando, vejo que deu muito certo e tudo foi recompensado.

Memorial Roberto Carlos de Souza

Os primeiros anos na faculdade de jornalismo são completamente diferentes de tudo aquilo que pude imaginar. É onde várias reviravoltas acontecem e a gente acaba se apaixonando por áreas jamais imaginadas. Escrever sempre foi uma paixão, porém criar conteúdos audiovisuais acabou me conquistando em período de estágio. As aulas cuja temática era documentário me prendia a atenção e quando um era exibido, o mesmo me levava a sonhar, já que agora tamanha era a vontade de também produzir um documentário.

Ao optar por produzir um documentário, logo o tema já estava pautado. Visto que a cultura é uma coisa que abre uma janela na cabeça da gente e nos leva a pensar, entender e principalmente, respeitar o lugar do outro no mundo. O jornalismo como profissão, também colabora de maneira direta para que isso aconteça. Escolhi por retratar como a cultura Árabe é fortemente presente na cidade de Anápolis, tamanha é essa representatividade, que todos os anos nos colégios da cidade, existe um dia para comemorar e celebrar as tradições Árabes, comidas, danças e muitas histórias sempre marcaram o evento. Os Árabes sempre estavam lá, orgulhosos de sua trajetória, mostrar isso em um filme seria uma emoção muito grande para

ambas as partes, talvez por isso fosse abraçado de uma forma tão bonita e positiva.

Esta escolha, portanto, aconteceu bem antes de começarmos a executar este Trabalho de Conclusão de Curso. Dediquei-me a conhecer de forma mais presente a vida e cultura árabe aqui em Goiás. Foi quando conhecemos a Igreja Ortodoxa São Jorge e o Centro Islâmico de Anápolis, a recepção não poderia ser diferente, muito calorosa e que nos permitiu fazer grandes amigos. A partir daí que conhecemos várias histórias de luta, conquistas e principalmente de muita alegria. O sonho de colocar logo isso em prática crescia a ponto de o tempo parecer não passar.

O ano de 2020 chegou e os sonhos seriam agora finalmente realizados, dedicar ao trabalho e conseguir terminar a graduação parecia muito próximo, porém este foi um ano de muitas dificuldades para muita gente. Se isolar foi preciso, já que esta era uma forma de prevenir-se da pandemia da COVID19 que assolou o mundo e também uma forma de cuidar e mostrar carinho e afeto pelo próximo. No início, tamanha foi à preocupação e muitas dúvidas e incertezas surgiram, mas uma pergunta parecia não sair da mente: Será que tudo vai dar certo? De fato este foi um ano árduo, mas, que apesar dos desafios, passar por cada etapa deste trabalho me fez sentir uma grande realização e me deu convicção de que um sonho sempre deve ser vivido de forma intensa.

Como a maioria das possíveis fontes já era conhecida, o processo de marcar as entrevistas foi fácil, levamos três dias de grandes gravações para obter um material rico e de qualidade. As entrevistas foram surpreendentes e os entrevistados foram muito solícitos. As fontes foram escolhidas de acordo com a linha de pensamento que já imaginávamos para o filme, por exemplo, o padre ortodoxo e o sheik da mesquita seriam as melhores pessoas para falar de religião, outras pessoas mais ligadas as ações culturais para falar de dança e comida, por fim, as que estão mais ligadas a história da cidade para falar de trabalho e desenvolvimento.

Depois de gravadas as entrevistas, veio à parte de decupagem, que é quando o material é passado para o papel, eu não tinha noção de como isso facilitaria para a produção de um roteiro. Escolher as melhores falas foi algo que exigiu tempo, já que eram entrevistas muito cheias de detalhes e expressões, este processo foi feito mais de uma vez, para garantir a beleza do material produzido. O último processo e também o mais emocionante foi à montagem do filme, já que ali ele ganha vida e de fato ficou da forma que sempre imaginei.

Na parte escrita, coube a mim pesquisar e escrever sobre as técnicas de produção de um documentário, o filme documentário no Brasil, a imigração árabe para o Brasil e a imigração árabe para Goiás e Anápolis. Esta pesquisa, em sua maioria foi feita em livros e esse processo foi sensacional, pois sempre fui fascinado nas histórias do passado, já que elas ajudam

a entender a realidade em que vivemos hoje.

Gratidão é a palavra que resume este trabalho, ver esse sonho ser realizado me enche de emoção e também revigora e dá forças para continuar a sonhar e acreditar que tudo é possível quando se almeja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme documentário traduz uma ideia importante e necessária no contexto social no qual estamos inseridos. O tema imigração era até então pouco abordado na nossa cena cultural por motivos desconhecidos, já que boa parte do Brasil é formada por imigrantes. Quando esse tema é levantado, gera uma curiosidade, por conhecer e até mesmo redescobrir coisas que nem sequer poderiam imaginar a origem. A partir disso, foi necessário construir uma narrativa que pudesse mostrar o contexto de imigração e servir como aprendizado, reflexão e curiosidade.

Segundo (BEZERRA, 2020) por conta das guerras e perseguições religiosas, houve a entrada de muitos imigrantes no Brasil oriundos da Síria, Líbano, Armênia e Turquia. Ao chegar ao país, muitos se depararam com o modelo latifundiário que existia no Brasil e os sírios e libaneses eram pequenos agricultores na sua terra natal e não encontraram terras disponíveis para ocuparem. Por conta disso, dedicaram-se, principalmente, ao comércio como ambulantes e ficaram conhecidos como mascates. Com uma mala cheia de produtos, eles percorriam as grandes cidades e partiam para o interior do estado, acompanhando as linhas ferroviárias. A segunda geração, de filhos dos imigrantes, entrou nas universidades e pode ser encontrado na cena política brasileira, na pesquisa acadêmica e no meio artístico, o que contribuiu em massa para transformar a cultura não só do Brasil, mas das cidades em que eles residem ou residiam.

Este documentário proporcionou grande conhecimento em relação a formação cultural deste país tão rico em histórias. Que os árabes que são orgulhosos de sua história e de sua terra possam se sentir honrados com essa simbólica homenagem.

Portanto, considera-se que o objetivo do grupo, ao produzir o filme documentário *Nossa Pátria, Os Árabes em Anápolis* foi alcançado com êxito. Que o ambiente acadêmico possa sempre ser lugar de grandes descobertas e de profundo respeito pelo próximo como ele é, e que este despertar traga uma sociedade mais humana onde todos possam viver em harmonia.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. *As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros*. Rev. Estud. Fem. Vol.20 no.2, 2012.
- ADORO CINEMA. *Documentário Human* (três volumes), 2016. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-238374/> Acesso em: 12 nov. 2020.
- AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS, *Dados sobre refúgio no Brasil*. 2018. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 15 Mai. 2020.
- ALTAFINI, Thiago. *Cinema Documentário Brasileiro. Evolução Histórica da Linguagem*, 1999.
- A REDAÇÃO, *Goiás tem uma das maiores comunidades libanesas do Brasil*. 2017. Disponível em: <<https://www.aredacao.com.br/noticias/82284/goias-tem-uma-das-maiores-comunidades-libanesas-do-brasil>>. Acesso em: 09 Set. 2020.
- ASMAR, João. *Os árabes do sertão*. Goiânia: Kelps, 2010.
- COUTO, José Geraldo, *Cinema Novo, resgate criador*. 2016. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/poeticas/cinema-novo-resgate-criador/>>. Acesso em: 11 Set. 2020.
- CURY, Amador de Arimathea Lindberg. *Dos cedos ao cerrado*, Brasília: Starprint, 2009.
- DA-RIN, Silvio. *Espelho partido. Tradição e transformação do documentário cinematográfico*, 2004.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/monodica/>. Acesso em: 18 Jun. 2020.
- DELAQUA, Victor, *Cinema e Arquitetura “Edifício Master”*, 2014. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-175557/cinema-e-arquitetura-edificio-master>>. Acesso em: 09 Set. 2020.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. *A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho*, 2009.
- GONÇALVES, Isadora d’Avila Lima Nery. *A voz de um povo: os refugiados sírios no Brasil*, 2015 Disponível em: <http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/re_sources/anais/42/1465613896_ARQUIVO_ArtigoAnaisANPUH_IsadoraGoncalves2016.pdf>. Acesso em: 15 Mai. 2020.
- MATTIELLO, Nicole. *‘Democracia em vertigem’ mistura análise política e história pessoal*,

2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/06/22/interna_diversao_arte,764768/democracia-em-vertigem-mistura-analise-politica-e-historia-pessoal.shtml. Acesso em: 25 Jun. 2020.

MAURI KONIG, *Conheça a trajetória de refugiados no Brasil*, 2015. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1683855-conheca-a-trajetoria-de-refugiados-no-brasil.shtml>. Acesso em: 15 Mai. 2020.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao Documentário*. Campinas, SP: Papirus, 2005.

NUNES, Helaine Prudente. *A imigração árabe em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 2000.

PAGAMISSE, Beatriz, ELISE, Jacqueline, ZIVIERI, Letícia. *Um enigma pouco entendido mas muito julgado no ocidente*, 2012. Disponível em: <https://ken.pucsp.br/contraponto/article/viewFile/15045/11236>. Acesso em: 02 Jun. 2020.

PUCCINI, Sérgio José. *Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção*. 2007, 239 f. Tese (Doutorado em Multimeios) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. 2007.

RABELO, Thiago, *Revisitando Cabra Marcado para Morrer*, 2016. Disponível em <https://revistamoviemet.net/reencontros-cabra-marcado-para-morrer-1984-95d7605439c0>. Acesso em: 09 Set. 2020.

RAMALHO, Elcio. *Torre das Donzelas é um convite a resistência, diz cineasta que reviveu presidio feminino durante a ditadura*, 2019. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/brasil/20190416-rfi-convida-susanna-lira>. Acesso em 11 Set. 2020.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* São Paulo: Editora SENAC, 2008 p.25

REDAÇÃO DO CANAL CURTA. *Nós que aqui estamos por nós te esperamos*. 2020. Disponível em: <https://canalcurta.tv.br/filme/?name=nos+que+aqui+estamos+por+vos+esperamos>. Acesso em: 09 set. 2020.

REDAÇÃO DO G1, *Comunidade Libanesa no Brasil é quase o triplo da população do Líbano*, 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/globoreporter/noticia/2017/03/comunidade-libanesa-no-brasil-e-quase-o-triplo-da-populacao-do-libano.html>. Acesso em 09 Set. 2020.

RODRIGUES, Flávia Lima. *Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro*. CES Revista, Vol. 24, Juiz de Fora, 2010.

RODRIGUES, Wladimir, *História da Arte*, 2020. Disponível em: <https://www.trf3.jus.br/documentos/emag/Cursos/435-Historia+da+Arte-Modulo+I-Idade+Antiga/8o+Encontro/09+HA+Arte+Islamica.pdf>. Acesso em: 06 Nov. 2020.

SAFADY, Jorge S. *Imigração Árabe no Brasil (1880-1971)*. Tese de doutorado Apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1972.

SANTIAGO, Emerson. *Império Otomano*, 2011. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/imperio-otomano/>. Acesso em: 15 Jun. 2020.

SCHOSSLER, Alexandre, *Véu islâmico: A diferença entre burca, niqab e hijab*, 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2016/08/22/zeitgeist-a-diferenca-entre-burca-niqab-e-hijab.htm>. Acesso em: 11 Nov. 2020.

SILVA, Carlos Rafael da, ONOFRE, Leonardo. *O Cinema como representação da identidade cultural*, 2000.

SILVA, Edvaldo do Carmo, *Visão sobre o documentário “Notícias de uma guerra particular”*, 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/36830/visao-sobre-o-documentario-noticias-de-uma-guerra-particular>. Acesso em: 09 Set. 2020.

SOUL, Banjara. *Povos da Ásia: Pashtun*, 2013. Disponível em: <https://tabitosoul.com/2013/07/05/povos-da-asia-pashtun/> . Acesso em: 10 nov. 2020.

SOUZA, Roberto. *Anápolis, Cidade dos Sírios e Libaneses*, 2018. Reportagem realizada como avaliação da disciplina Produção |Laboratorial Audiovisual, Curso de Jornalismo, PUC Goiás.

ZUWARAH, Lybia, *Muziget Tamazight* ('Berber Music'), 2015. Disponível em: <https://www.temehu.com/imazighen/music.htm>. Acesso em: 06 Nov. 2020.

APÊNDICES
APÊNDICE I - ROTEIRO

Imagens	Áudio
<p>Cena 01- Abertura</p> <p>00'00'' a 00'13'' – imagem de drone da cidade de Anápolis</p>	<p>Toque de música árabe.</p>
<p>Cena 02- Sheik Nasser Sahin Fala 1</p> <p>00'14'' a 00'22''</p>	<p>Quando nós chegamos aqui, nós pensa fica um ano, dois anos e depois volta na terra nossa. Mas, quem chega aqui não volta na terra dele nada nada.</p>
<p>Cena 03- Parte da abertura</p> <p>00'24'' a 00'28''</p>	<p>Toque de música árabe.</p>
<p>Cena 04- Ruba Nassar Fala 1</p> <p>00'29'' a 00'37''</p>	<p>A minha mãe apaixonou por essa terra, desde o dia em que ela pisou em solo brasileiro. Ela se considerou como se fosse uma brasileira.</p>
<p>Cena 05- Parte da abertura</p> <p>00'38'' a 00'45''</p>	<p>Toque de música árabe.</p>
<p>Cena 06- Elias Awad Fala 1</p> <p>00'46'' a 00'56''</p>	<p>Em relação ao mundo árabe, a gente naturalmente agradece o Brasil por estamos aqui, bem acolhidos. Faz parte, já é uma pátria nossa.</p>
<p>Cena 07- Nome do Filme</p> <p>00'57'' a 01'03''</p>	<p>Nossa Pátria Os Árabes em Anápolis.</p>
<p>Cena 08- Valeriano Rudi Sahium Fala 1</p> <p>01'04'' a 01'54''</p>	<p>O meu pai deve ter chegado aqui em 1910. Ele teria naquela ocasião dezesseis ou dezessete anos. Ele veio junto com outro irmão em função das notícias que se tinha no Líbano, e não exemplificava o que era América. A América é um lugar muito bom de sobreviver, de adquirir bens e criar família, então à intenção era eles virem e voltar, a princípio era isso.</p>

<p>Cena 09- Mauricio Helou Fala 1</p> <p>01'55'' a 02'01''</p>	<p>Normalmente, eles desembarcavam no porto de Santos, alguns às vezes até no porto do Rio de Janeiro, mais comum era o porto de Santos.</p>
<p>Cena 10- Máriam Hanna Daccache Fala 1</p> <p>02'02'' a 03'17''</p>	<p>Na verdade, meu pai e minha mãe se conheceram quando meu avô, na segunda vez que veio do Líbano, porque ele veio um primeiro momento, eu tenho tios que nasceram aqui no Brasil. E ele foi e voltou para o Líbano e voltando ao Líbano veio a Segunda Guerra e ele foi impedido de voltar ao Brasil, e lá a minha mãe nasceu. Quando eles foram retornar para o Brasil, o meu avô paterno, no porto, pediu ao meu avô materno que cuidasse do filho dele no navio, porque vieram de navio, e foi assim que o meu pai conheceu a família da minha mãe. Na verdade, minha mãe na época tinha seis anos e o meu pai tinha dezesseis anos. Só que meu pai veio para Anápolis, porque ele tinha um tio aqui da família Issa. Então, ele veio. Foi acolhido pelo tio, trabalhou com o tio e na medida em que ele foi crescendo ele não perdeu o contato com a família da minha mãe no Paraná e depois se casaram, acabaram se casando e minha mãe veio para Anápolis.</p>
<p>Cena 11- Padre Firaás Bistati Fala 1</p> <p>03'18'' a 04'03''</p>	<p>Até chegar em Anápolis. Porque eu sou sírio. Nasci na Síria, estudei no Líbano cinco anos no Instituto Teológico Balamand São João Damasceno. Depois fui pra Grécia, surgiu que o padre José, o saudoso padre José saiu daqui, e eu tenho conhecimento de parentes da nossa terra lá, eles queriam um sacerdote pra cá e no tempo eu tava terminando, então foi através deles consegui vir. Depois deixei Grécia, fui pra Síria, da Síria vim pro Rio de Janeiro, Brasília e Anápolis.</p>
<p>Cena 12- Elias Awad Fala 2</p> <p>04'04'' a 04'27''</p>	<p>Amigos também são muitos no centro... Assim, a gente conhece o centro todinho, as pessoas... Então a gente diariamente convive isso, então. Mas a cabeça também fica lá diariamente também no Líbano também, né? Preocupação, será que vamos lá também visitar lá? Com essa pandemia que agora deixou a gente preso, então isso também</p>

	afeta um pouco a gente, né?
Cena 13- Valeriano Rudi Sahium Fala 2 04'28'' a 04'52''	Os patrícios que chegavam de imediato, os que estavam por alí, dava assistência para o recém-chegado. Podia ser parente ou não, mas era patrício ele tinha as portas abertas e era acolhido ali, até ser escolhido o destino dele.
Cena 14- Mauricio Helou Fala 2 04'53'' a 05'23''	As pessoas que vinham, sempre vinha alguém na frente. Depois vinham outros que eram ajudados por esses que tinham chegado antes, e assim por diante iam fazendo a corrente, n? Agora, também nós temos um profundo respeito pelos nossos antepassados, os mais velhos que nós, os nossos ancestrais. Nós cultivamos muito a memória deles, isso é muito importante pra nós.
Cena 15- Elias Awad Fala 3 05'24'' a 05'30''	As consequências que houve a guerra civil no Líbano. Então, a gente foi imigrando um por um, conforme a idade de cada um.
Cena 16- Ruba Nassar Fala 2 05'31'' a 06'01''	Eu nasci na cidade de Damasco, capital da Síria. Meus pais são Agí Nassar e Najila Zak Zak. Eles vieram para o Brasil em 1962, eu tinha um ano e sete meses quando eles vieram. Eles resolveram vir pra cá para poderem trabalhar e o meu pai ganhar a vida a pedido dos meus avós, que eram o senhor Elias Zak Zak e dona Nagib, eles já residiam em Anápolis.
Cena 17- Nassin Farah Fala 1 06'02'' a 06'20''	Todos que vieram aqui tiveram dificuldade, todos, todos! Tivemos no primeiro ano e o segundo ano foram terríveis, mas graças a Deus, a gente conseguiu superar todas as dificuldades. Na vida todo mundo tem, no início, no final a dificuldade existe.
Cena 18- Padre Firaás Bistati Fala 2 06'21'' a 06'53''	Olha, como a criança aprende línguas nós aprendemos, nada é difícil por vivência, nada. Difícil se você vai aprender a língua fora da terra dela. Então, nada é teórico, tudo prático. Então, quando praticar a língua, aprende. Primeira palavra aprendi no avião água... Água e depois guaraná. E

	desde aquele tempo nunca saiu da minha cabeça.
Cena 19- Mauricio Helou fala 3 06'54'' a 07'46''	Primeiro havia um preconceito, havia um certo preconceito contra eles. É... As pessoas que viviam aqui então, não tinham contato nenhum com estrangeiros. Então, chegaram esse homens é... De fala estranha, com costumes estranhos e totalmente diferente do que havia aqui na época. Então, havia um certo preconceito. Que aos poucos foi sendo diluído a medida em que as crianças, os filhos, foram brincando com os filhos dos locais. Então, esse preconceito foi diluindo, diluindo... Eu mesmo, depois já na década de 60, ainda enfrentei um certo preconceito.
Cena 20- Valeriano Rudi Sahium Fala 3 07'47'' a 08'35''	Ele veio para Catalão e encontrou-se com esse outro núcleo de família Isaque. E ele acabou casando com uma, que era a minha mãe, a Dona Júlia. Essa família Isaque entrosou-se depois com a família Sahium, e de Catalão, o meu pai tinha a notícia que Anápolis seria o objetivo final da Estrada de Ferro. Ele resolveu e falou: vou para Anápolis, isso em busca de negócios e trabalho.
Cena 21- Ruba Nassar Fala 3 08'36'' a 09'03''	Ele começou a trabalhar e trabalhar, e graças a Deus, Deus foi abençoando eles. Eles tiveram anos de muita luta e muito sofrimento, porque sempre eles sentiam saudades da terra deles, dos pais. Naquela época nós não tínhamos como hoje a parte tecnológica. Hoje você pega um celular, você conversa com quem está lá na Síria diariamente. As vezes eu converso com o meu cunhado duas, três vezes por dia.
Cena 22- Padre Firaás Bistati Fala 3 09'04'' a 10'19''	Realmente o ser humano aonde... aonde ele está, aonde ele vive, sempre o lugar aonde nasceu esse lugar é sempre querido. Sempre querido, sabe? A gente lembra... lembra tempo da infância, lembra aquela simplicidade antiga, a época de 80 e antes, lembra as pessoas lá. Então, muitas coisas, sabe? Então sempre! Hoje no mundo com

	internet realmente a gente diminui essa coisa, essa saudade... mas, mesmo assim, sempre quando vejo minha terra uma coisa invisível me puxa pra lá imediatamente. Só penso lá. Se dormir e sonhar sempre lá, onde nasci, onde viví.
Cena 23- Valeriano Rudi Sahium Fala 4 10'20'' a 10'58''	Mas antes de se estabelecer, vale a pena lembrar, ele ganhava a vida mascateando. E como era feito isso? Ele tinha uma pequena casa, mercadorias, punham naqueles cargueiros, dois, três ou quatro e embrenhava por esses matos a fora a vender os produtos que ele trazia.
Cena 24- Padre Firaás Bistati Fala 4 10'59'' a 11'42''	Essa igreja foi fundada com a comunidade que veio pra cá na época de 50, 50 e pouco. Porque, nós tínhamos aqui um grupo grande dos imigrantes que vieram depois da Primeira Guerra Mundial e da segunda. A necessidade de uma comunidade, uma igreja deu força pra eles, porque eram poderosos e trabalhadores. Então, eles queriam fazer a identidade deles e melhor identidade espiritual porque não carregaram nada dali, carregaram a fé.
Cena 25- Valeriano Rudi Sahium Fala 5 11'43'' a 12'08''	Com o passar do tempo começou a chegar um número bem maior, porque Anápolis começou a ser um referencial na questão de lucro e trabalho, e de desenvolvimento. Então, quem estava procurando trabalho, evidentemente que vinha para cá.
Cena 26- Marcelino Cozak Fala 1 12'09'' a 12'53''	O pai de minha mãe, ele montou um comércio aqui em Anápolis. Ele vendia secos e molhados e era um armazém muito grande. Então, assim ele veio pra trabalhar e depois que ele conseguiu se estabelecer financeiramente ele trouxe a minha avó, porque minha avó continuou na Síria. Ela e uma filha que ela tinha vieram morar. Ele mandou dinheiro pra ela vir morar com ele aqui em Anápolis. Então, daí que foi crescendo a família.

<p>Cena 27- Máriam Hanna Daccache fala 2 12'54' a 13'14''</p>	<p>E a parte do comércio, por exemplo, foi tão forte e é ainda muito forte que a gente tem uma rua que foi denominada Rua dos turcos, que é a General Joaquim Inácio, tamanho era o número de comerciantes árabes, sírios, libaneses que a gente tinha lá.</p>
<p>Cena 28- Mauricio Helou fala 4 13'15'' a 13'49''</p>	<p>A corrente de pensamento de 99% dos historiadores e os de que se interessaram pela imigração árabe aqui no Brasil dizem, afirmam, com toda segurança, que o termo turco é porque eles eram súditos do Império Otomano até o final da Primeira Guerra Mundial, e que vinham com documento, tipo passaporte turco. Eu nunca vi nenhum, nunca vi nenhum.</p>
<p>Cena 29- Valeriano Rudi Sahium Fala 6 13'50'' a 14'04''</p>	<p>Todo mundo que chegava aqui do Oriente vinham com o passaporte carimbado na Turquia, conseqüentemente os outros liam turco. O senhor é Turco, Turco, Turco.</p>
<p>Cena 30- Mauricio Helou fala 5 14'05'' a 14'32''</p>	<p>A Síria e o Líbano são... Eram naquele tempo regiões históricas citadas na bíblia, mas não eram estados politicamente organizados, eram províncias do Império Otomano. O império Otomano era a Turquia. Mas não é não é por causa disso não. É porque é muito mais prático e fácil falar: é turco! Porque ai não quer saber se é sírio, se é libanês, se é jordaniano, egípcio. Turco é mais fácil, nivela todo mundo por baixo fica tudo mais fácil.</p>

<p>Cena 31- Padre Firaás Bistati Fala 5</p> <p>14'33" a 15'21"</p>	<p>Nossa igreja aqui chama Igreja Ortodoxa Antioquina fundada pelo Pedro e Paulo, apóstolos de Cristo porque eles evangelizaram em Antioquia, cidade que está hoje na Turquia, era na Síria. Em 1939, onde a Turquia pegou. Antioquia, aquela cidade onde seguidores do Cristo pela primeira vez foram chamados Cristão. Então, dali o cristianismo espalhou depois no Império Romano. Por isso, nós lá no oriente chamamos romanos ortodoxos.</p>
<p>Cena 32- Sheik Nasser Sahin Fala 2</p> <p>15'21" a 17'15"</p>	<p>Aqui esta mesquita começou em 1975. Aqui esta mesquita a história dela é muito, muito diferente. Aqui no passado o muçulmano não tinha mesquita, não tinha uma sala de oração, não tinha quadro, não tinha um quarto para fazer oração. Eles no passado, setenta e três, setenta e quatro, eles rezavam e faziam as orações na Praça Boas Jesus. Foi quando eles rezando na praça, tem um amigo deles, brasileiro e não muçulmano, ele perguntou a eles: O que vocês estão fazendo? Eles falaram para ele: Nós estamos fazendo oração. Ele falou para eles: Aqui igreja turca, igreja árabe no centro, por que não estão rezando na igreja? Eles falaram para ele: Esta igreja é para não muçulmano, nós somos muçulmanos. Ele falou para eles: Está bom, podem fazer igreja igual eles. Eles falaram: Terreno muito caro e nós não temos dinheiro para construir mesquita, construir igreja. Ele falou para eles: Não tem alguém que ajuda vocês? Podem vocês fazer mesquita? Fazerem igreja para vocês? Eles fararam, sim! Ele brasileiro, não muçulmano ajudou eles com este lugar, cinco mil metros de graça, não recebeu um real, não recebeu nada, nada. Ajudou eles por Deus. Ele não converteu ao islã, não conhece islã, não sabe islã, mas ele ajudou eles. Ele escreveu no contrato, que precisam eles fazer uma mesquita e um colégio árabe muçulmano. E deixou prazo para eles de dois anos: se vocês fizerem nesse tempo, parabéns para vocês, se não fizer, o terreno volta para mim de novo.</p>

<p>Cena 33- Marcelino Cozak Fala 2</p> <p>17'15" a 17'41"</p>	<p>Anápolis tem várias pessoas sírias e libanesas, né? Então eu vejo assim, uma contribuição muito grande, porque ajudou assim a desenvolver o comércio, emprego, a produção. Então eu creio que também na cultura, então eu creio que teve muita contribuição.</p>
<p>Cena 34- Valeriano Rudi Sahium fala 7</p> <p>17'41" a 18'51"</p>	<p>Na minha família, o meu pai veio com a intenção de ganhar um pouco de dinheiro aqui e voltar para o Líbano com um capital pequeno, naturalmente para investir em alguma coisa lá, que fosse interessante. Mas, ele gostou tanto do Brasil que ele trouxe os irmãos e, às vezes, as pessoas perguntavam a ele: senhor Antônio, o senhor nunca mais voltou para o Líbano? O senhor veio com a intenção de voltar! A melhor terra do mundo se chama Brasil, não vou voltar lá de jeito nenhum, vou trazer meus parentes para cá. Aqui é a nossa pátria! E ele ficava bravo quando algum patrício falava: é eu vou voltar. Volta, mas fica por lá, não vem estragar aqui não. Ele era muito franco e bravo, pra ele o Brasil era tudo, como de fato foi.</p>
<p>Cena 35- Ruba Nassar Fala 4</p> <p>18'52" a 19'21"</p>	<p>Eu com dezoito anos eu me casei, ele fez questão que eu me casasse na Síria, porque ele tinha esse sonho de voltar a morar lá. Eu me casei com o sobrinho dele, que é meu esposo hoje, ele é um médico formado oftalmologista e nós vivemos na Síria dez anos. Por motivos econômicos, motivos políticos, a Síria é um país que não tem uma estabilidade política, meu marido resolveu: não, eu não quero criar os meus filhos neste ambiente.</p>

<p>Cena 36- Padre Firaás Bistati Fala 6</p> <p>19'22" a 20'16"</p>	<p>Ritual do casamento nós chamamos coroação. Coroação aonde o padre ele eleva sobre o casal, os noivos coroa. Coroa o símbolo da glória, mas ao mesmo tempo símbolo da morte. Significa caminho do casamento, caminho do sacrífico, caminho a doação, caminho onde a gente aguenta o outro, por isso coloca coroa da morte dos mártires. Se a gente continua nesse caminho receberá no final coroa da vitória, então por isso chama coroação. E temos três voltas, sabe três voltas no final tipo de uma entrada na vida da Santíssima Trindade. Tudo é pelo contrário do relógio.</p>
<p>Cena 37- Máriam Hanna Daccache fala 3</p> <p>20'17" a 20'55"</p>	<p>Eu acho que costumes a questão da comida, sem sombra de dúvidas, a dança, a música árabe é muito presente na minha vida e da minha família. A dança, sempre que possível e reunido em casamentos e festas de fim de ano e até em casas de amigos de mesma origem, quando a gente quer se alegrar, acaba botando uma música árabe pra dançar. E valores que são muito importantes para nós, especialmente o trabalho e a família.</p>
<p>Cena 38- Maurício Helou fala 6</p> <p>20'55" a 21'20"</p>	<p>Aqui em Anápolis você... É o paraíso de guloseimas árabes, aonde você vai, em qualquer supermercado que você vai você encontra chancliche, você encontra coalhada seca, você encontra pão sírio, quibe, então na realidade houve uma mistura ai, uma associação porque todo mundo gosta do que é bom, não é?</p>
<p>Cena 39- Ruba Nassar fala 5</p> <p>21'20" a 21'48"</p>	<p>Eu gosto de manter a minha família unida à mesa. O árabe, ele gosta de todos os seus filhos. Por exemplo, nós almoçamos todos os domingos juntos, porque isso você cria um laço familiar. Eu acho que a mesa une a família. O árabe assim, ele é muito dedicado assim, a esposa, aos filhos. A gente passa isso pros nossos filhos. Que eles possam criar uma família, a família é bem bendita no mundo árabe.</p>

<p>Cena 40- Elias Awad Fala 4</p> <p>21'49" a 22'15"</p>	<p>Eu acho que a recepção do brasileiro em geral, não é só aqui em Anápolis como no Brasil inteiro, ela é uma recepção calorosa por parte da boa vontade dos brasileiros e do Brasil, por ser formado por imigrantes também. Então, essa mentalidade de receber imigrante, o imigrante receber o outro imigrante, acho que facilitou a vida dos imigrantes que vem pra cá.</p>
<p>Cena 41- Nassin Farah Fala 2</p> <p>22'15" a 22'25"</p>	<p>Eu gosto, na realidade eu gosto de tudo, trabalho, futebol. Então, para mim, o ambiente é maravilhoso, então tudo de bom.</p>
<p>Cena 42- Sheik Nasser Sahin Fala 3</p> <p>22'26" a 22'38"</p>	<p>Aqui é lugar de vocês, aqui é terra de vocês, aqui é a casa de vocês. Nós ficamos muito felizes quando recebemos um muçulmano, fica feliz, mas quando recebemos um não muçulmano ficamos mais felizes.</p>
<p>Cena 43- Ruba Nassar fala 6</p> <p>22'39" a 23'57"</p>	<p>Eu sou uma verdadeira Anapolina e eu não nego que eu amo o Brasil assim, eu considero o Brasil a minha pátria. É uma história de muita luta de muito amor pela família, pela pátria. Eles vieram trabalharam e continuaram ajudando os seus familiares que moram na síria né.</p>

<p>Cena 44- Máriam Hanna Daccache fala 4 22'58" a 23'22"</p>	<p>Então hoje a gente tem árabes na cidade em todos os ramos, agente tem na política, a gente tem na área da saúde, na academia. Então eu acho que a nossa presença ela influencia inclusive muito fortemente a cultura de maneira geral.</p>
<p>Cena 45- Valeriano Rudi Sahium fala 8 23'23" a 24'06"</p>	<p>A contribuição dos patrícios é inegável, isso a história conta, né? A história conta e registra. Então muitos ficaram devendo favor para os patrícios e os patrícios a ele. Os dois trabalharam para edificar essa cidade. Tenho certeza que todos eles têm orgulho de estar por aqui. Alguns vão ao Líbano e voltam só a passeio, mas o pé direito está fincado aqui.</p>
<p>24'06" a 24'32" – imagem de drone da cidade de Anápolis</p>	<p>Trilha sonora de encerramento mais créditos Ya Rayah, Rachid Taha.</p>

APÊNDICE II
AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, sem qualquer ônus ou indenização à Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: *Gleisi Azevedo*.

Endereço: *Rua. A7 - Q7. L. 8*

Cidade: *ANAPOLIS.*

RG nº: *3.786.389-0 PR.*

CPF nº: *515.354.249-15*

Telefone para contato: *985560397*

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, *13* de *Setembro* de *2020*

Gleisi Azevedo

Assinatura

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, sem qualquer ônus ou indenização à Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: MAURICIO HELOU

Endereço: ALAMEDA DAS ARQUIDEAS, Q-5, L-4, RES. SAMPLOVER

Cidade: ANAPOLIS - GO

RG nº: 4.953 0AB-GO

CPF nº: 187.294.361-68

Telefone para contato: 3328 4837

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 19 de SETEMBRO de 2020



Assinatura

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, sem qualquer ônus ou indenização à Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: *Masam Farias*

Endereço: *Rua 10, Qd 17, Jd M, Vila Goiás*

Cidade: *Anápolis - Goiás*

RG nº: *894539*

CPF nº: *19583350300*

Telefone para contato:

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, _____ de _____ de 20__

Assinatura

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, sem qualquer ônus ou indenização à Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: *Valeriano Pude Salgueiro*

Endereço: *Rua Firme de Valerico 680*

Cidade: *Goiânia*

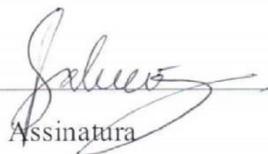
RG nº: *321.8449 SSP GO*

CPF nº: *00304271-20*

Telefone para contato: *993068334*

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, _____ de _____ de 20____.


Assinatura

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, sem qualquer ônus ou indenização à Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: *Ruta Nanan*

Endereço: *Hugo Carvalho Ramos nº 315*

Cidade: *Anápolis - Goiás*

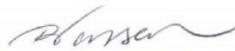
RG nº: *1681290*

CPF nº: *234 574 731 - 53*

Telefone para contato: *9 8225-0605*

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 13 de setembro de 2020



Assinatura

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, sem qualquer ônus ou indenização à Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: *Márcia Flávia Dacache*

Endereço: *Al. Juberá 909212, Res. Roses Garden*

Cidade: *Anápolis, Go*

RG nº: *1.722.253 - SSP-GO*

CPF nº: *399 328 691.04*

Telefone para contato: *62 99231-0379*

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, _____ de _____ de 20__



Assinatura

Autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, Internet, "home vídeo", DVD, sem qualquer ônus ou indenização à Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e assino a presente autorização.

Nome: *Manuelino Nicolo Kozak*

Endereço: *Rua Calisto Abdala n° 76, Kitinete 3*

Cidade: *Amápolis - Goiás*

RG n°: *3022037*

CPF n°: *387204771-04*

Telefone para contato: *62-991638774*

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, *13* de *Setembro* de *2020*



Assinatura

APÊNDICE III
AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO

Os alunos Daniella Reila Silva Breta e Roberto Carlos de Souza, concluintes do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2020, autorizam a Universidade a reproduzir a obra feita para o trabalho de conclusão de curso.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL

Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante *Roberto Carlos de Souza* do Curso de Jornalismo, matrícula *2017101270137-2*, telefone: (62) 99232-3498 e-mail *RobertoCarlosdeSouza@outlook.com*, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Massa Rética, O Poder em*, ^{anexos} gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 01 de dezembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es):

Roberto Carlos de Souza

Nome completo do autor:

Roberto Carlos de Souza

Assinatura do professor-orientador:

Eliani de F. Covem Queiroz

Eliani de Fátima Covem Queiroz



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante *Daniella Reila D. Pretto* do Curso de Jornalismo, matrícula *20171012703126*, telefone: *9 9941-6527* e-mail *danireila@outlook.com* na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Nome lista, O professor* gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 01 de dezembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es):

Daniella R. D. Pretto

Nome completo do autor:

Daniella R. D. Pretto

Assinatura do professor-orientador:

Eliani de F. Covem Queiroz

Eliani de Fátima Covem Queiroz